



Figura 16. Baile no Jôquei Clube de Uberaba onde compareceram autoridades governamentais incluindo Getúlio Vargas, maio de 1941. Referência: Acervo da família Nassif.

Ainda com relação às suas ações como prefeito de Uberaba, Whady conseguiu recursos para adquirir caminhões e automóveis, além de tratores e máquinas para o município, com os quais ele abriu estradas, como a que ligava Uberaba a Barretos, passando por Barra do Buriti e a estrada Uberaba a Uberlândia, passando pela Palestina. Sem falar que reformou mais de 650 km de rodovias que já existiam, construiu centenas de “mataburros”<sup>214</sup> e pontilhões nas estradas rurais, bem como pontes de concreto armado sob o Rio Tijucu, na estrada de Uberaba - Uberlândia , via Tijucu.<sup>215</sup>



Figura 17. Construção de aterro em trecho da estrada entre Uberaba e Conceição das Alagoas, 1942. Referência: Acervo da família Nassif.

Entre as obras da administração municipal, acrescentam-se reformas nas dependências do Mercado Municipal, no Matadouro Municipal, no prédio da Prefeitura,

<sup>214</sup> Um mataburro fica sempre em uma divisa de uma propriedade rural, ele pode ser construído de madeira, trilho de ferro ou até mesmo de vigas de cimento. É muito comum nas estradas da zona rural.

<sup>215</sup> Panfleto: **Cinco Anos da Administração de Whady Nassif**. Op. Cit.

e até no Aeroporto, onde foi colocada uma melhor sinalização, construída uma casa para rádio e colocadas antenas, além de outros serviços.<sup>216</sup>

## 2.6. A estética estadonovista na representação da gestão Nassif

A administração do prefeito Whady Nassif, até 1942, parece ter se desenrolado de uma maneira muito satisfatória para o governo, tanto federal quanto estadual. A própria população uberabense parece ter visto com bons olhos as melhorias realizadas por ele e o impulso que foi dado em termos do crescimento da cidade. Pelo menos é o que deixam transparecer as várias reportagens encontradas na imprensa local, que não media esforços para cobrir sua administração de elogios. Até um jornal de outra cidade, “O Triângulo” de Araguari, elogia sua administração:

*... “A receita da cidade tinha sido orçada em 2.075:000\$000 e a arrecadação total foi além, atingindo nada menos que 2.240:000\$000, havendo portanto, um “superávit” de 165:000\$000.*

*Esse fato, que se comprova pela afirmação eloqüente dos algarismos, mostra que exuberantemente estão reservados dias de brilhante futuro para o rico município triangulino, onde se verifica atualmente um surto de progresso de grandes proporções.”<sup>217</sup>*

O mesmo jornal, alguns meses depois,<sup>218</sup> torna a destacar uma homenagem prestada ao prefeito de Uberaba, Whady Nassif, pelos inúmeros serviços prestados à sociedade uberabense enquanto à frente da prefeitura. Essa homenagem, segundo o jornal, teria sido feita no salão de festas do Jôquei Club, o maior clube de Uberaba, tendo sido distinguida por um banquete ao qual compareceram personalidades da cidade e um representante do governador do Estado de Minas Gerais.

É farto o material encontrado nos jornais locais, muito mais no Jornal Lavoura e Comércio, que parece ter apoiado a sua administração e o governo de Vargas,<sup>219</sup> como

<sup>216</sup> Panfleto sobre os **Cinco Anos da Administração de Whady Nassif**. Op. Cit.

<sup>217</sup> JORNAL O TRIÂNGULO, Araguari, 20/01/1941, primeira página. Trechos da reportagem: Eloqüente afirmação dos algarismos.

<sup>218</sup> JORNAL O TRIÂNGULO, 03/06/1941, última página. Síntese da reportagem: A Homenagem ao Dr. Whady Nassif.

<sup>219</sup> Segundo um editorial do dia 13/12/1999, p. 2. Caderno – Especial Comemorativo dos 100 Anos do Jornal Lavoura e Comércio, consta que o jornal “se dividia entre aplaudir e criticar o polêmico presidente Getúlio Vargas; pois ora seu governo merecia aplausos por criar o salário-mínimo, e ora merecia críticas e repúdio por mandar fechar jornais; mas nas entrelinhas, porém, ficava nítida a admiração do jornal pelo homem que também se dividia entre ser ditador e democrático. ”

também em outros que estão no acervo do Arquivo Público Municipal.<sup>220</sup> A maioria elogia o seu trabalho e as suas obras, abordando também a forma com que ele se relacionava com os poderes estadual e federal.<sup>221</sup>



Figura 18. Reportagem do Lavoura e Comércio onde foi feito um balanço da administração do prefeito no ano de 1941. Referência: arquivo particular do Jornal Lavoura e Comércio.

Nessas reportagens são destacadas também as comemorações organizadas pela prefeitura por ocasião do aniversário do presidente Getúlio Vargas, onde se faziam concentrações na praça Rui Barbosa, com a presença de delegações operárias e milhares de pessoas, para ouvirem os discursos das autoridades e prestigiar os desfiles dos alunos das escolas da cidade, ao som da banda de música do 4º Batalhão.<sup>222</sup>

<sup>220</sup> Foram encontrados artigos em jornais locais, como o Correio Católico, mas também em jornais da região, como O Triângulo de Araguari, e A Tribuna de Uberlândia, todos com reportagens em diferentes momentos da administração do prefeito Whady Nassif, até certo ponto favoráveis à sua atuação.

<sup>221</sup> Um dos jornais consultados foi A Tribuna, Uberlândia, do dia 24/06/1943. Primeira página. Reportagem: Dr. Whady Nassif.

<sup>222</sup> LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 8769, 19/04/1941, Primeira página. Reportagem: Presidente Getúlio Vargas – Uberaba vibra de entusiasmo cívico, comemorando a data natalícia do primeiro magistrado da Nação. As imponentes festividades a que o povo em peso está dando a sua solidariedade.



Figura 19. Atividades comemorativas alusivas ao aniversário de Getúlio Vargas na Praça Rui Barbosa em Uberaba, 1941. Referência: Acervo da família Nassif.

Na época, essas manifestações públicas eram frequentes nas cidades do interior assim como nas grandes cidades brasileiras. A maioria da população local também via essas manifestações de louvor ao chefe da nação e culto à sua imagem, como maneiras de demonstrar seu patriotismo e sua postura cívica.<sup>223</sup>

Essas manifestações públicas segundo Capelato<sup>224</sup> podem ser vistas sob outro olhar, ou seja, como demonstração de que:

*Nos regimes autoritários que se fundamentam na política de massas, a teatralização tem papel mais importante: o mito da unidade e a imagem do líder atrelado às massas convertem o cenário teatral especialmente adequado para o convencimento. O imaginário da unidade mascara as divisões e os conflitos existentes na sociedade.*

*E a propaganda política enfatizava a busca de harmonia social e a eliminação dos conflitos...*

*... e a teatralização do poder por meio das festas cívicas e esportivas ... tinha como objetivo central criar a imagem da sociedade unida, harmônica, alegre e feliz, ocultando as práticas repressivas exercidas para manter o controle social.*

Nas reportagens, em geral, aparecem palavras de ordem como civismo, patriotismo e também de agradecimentos ao fato do presidente Getúlio Vargas estar à frente do país, colocando-o em uma nova unidade e harmonia, levando-o à sonhada prosperidade que todos os brasileiros tanto esperavam. Em Uberaba essas homenagens eram organizadas pela prefeitura e sempre ocorriam no dia 19 de abril, começando com

<sup>223</sup> LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 8769, do dia 19/04/1941. Primeira página.

<sup>224</sup> CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em Cena** – Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo. Op. Cit. p. 57-58.

uma missa campal, às 8 horas da manhã, na praça Rui Barbosa, ponto central da cidade, depois seguidas de desfiles de escolas, entidades trabalhistas e muitos pronunciamentos.<sup>225</sup>

Na verdade, esse período foi marcado por muitas contradições, pois apesar de ter instalado um governo ditatorial, Getúlio Vargas sempre soube manipular os corações e as mentes do povo pobre e trabalhador, com seus discursos populistas e carismáticos, com a atuação do DIP e principalmente com sua política de modernização conservadora do Brasil. Por isso, seu nome ganhou ruas, praças e avenidas por todo o país, e mesmo em cidades como Uberaba, que ele visitou somente algumas vezes, por ocasião das exposições de gado, era sempre lembrado como o “pai dos pobres”, merecedor das homenagens por ocasião do seu aniversário.

A manipulação de imagens e símbolos produzidos pela propaganda do governo Vargas, como as marchas, os uniformes, as palavras do chefe nos discursos no dia 1º de maio, compunham um cenário que transmitia ao povo a sensação de ordem e a idéia de progresso. E em Uberaba essa política se concretizava na organização das festividades públicas em torno do aniversário de Getúlio Vargas, nos desfiles das escolas e das entidades operárias e até mesmo nos discursos inflamados de civismo proferidos pelo prefeito e demais autoridades locais, que depois eram amplamente divulgadas nos jornais.



Figura 20. Getúlio Vargas em almoço com demais autoridades na Fazenda Modelo em Uberaba em maio de 1942, por ocasião de sua vinda a cidade durante a feira de gado Zebu. Referência: ABCZ: 50 Anos de Histórias e Estórias.

Ainda segundo Capelato,<sup>226</sup>

---

<sup>225</sup> LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 8769, do dia 19/04/1941. Primeira página.

*O efeito do visado controle do Estado Novo sobre os meios de comunicação era a conquista do apoio necessário à legitimação do novo poder, oriundo de um golpe.*

Em outro de seus trabalhos, Capelato<sup>227</sup> volta a enfatizar sua posição, afirmando que

*No entrelaçamento da política com a ação simbólica, ocorre a teatralização do poder, jogos de cena, dramaturgia e representação.*

*A dramaturgia se relaciona então com o imaginário coletivo. O poder se realiza pela produção e transposição de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização num quadro cerimonial.*

*O varguismo e o peronismo, inspirados no espetáculo nazista, entram em cena promovendo comemorações de todo tipo: festas cívicas e esportivas, com a realização de paradas, desfiles civis e militares, demonstrações de ginástica, jogos, comícios, espetáculos de canto orfeônico, hinos, construção e inauguração de monumentos grandiosos, etc. Nesses eventos a propaganda política oficial se manifestava, apropriando-se dos temas e aspirações populares.*

## 2.7. A relação do prefeito com a sociedade local e a política nacional

O relacionamento de Whady com a sociedade uberabense também se pautava segundo os ditames da ditadura Vargas, nas quais muitas vezes se fundiam, em vários momentos, os sentimentos de patriotismo com os instrumentos de dominação. Ora suas ações eram vistas como progressistas, ora vistas como continuação da política presidencial.

Pois segundo ainda Capelato:<sup>228</sup>

*No Brasil de Vargas, a batalha de símbolos também visava estimular a produção de sentimentos favoráveis ao regime. O golpe de 1937 e a instauração do Estado Novo eram justificados como medidas de salvação contra os inimigos... as oligarquias decadentes... os comunistas. O Estado Novo completaria a obra de destruição e construiria um Brasil Novo, um Brasil próspero.*

<sup>226</sup> CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em Cena** – Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo. Op. Cit. p. 58.

<sup>227</sup> CAPELATO, Maria Helena R. Propaganda Política e Construção da Identidade Nacional Coletiva. In: **Revista Brasileira da História**. São Paulo: ANPUH, Vol. 16, nº 31 e 32, 1996, p.336,337.

<sup>228</sup> Idem, p. 342 e 347.

*Esse poder místico atrela o destino do homem deus ao da Pátria. Sua imagem se mescla à da Pátria una e imortal; o destino desse homem é o mesmo do Brasil. A divinização do chefe e sua identificação mística com a Pátria, se insere no movimento de sacralização da política que caracteriza esses regimes, reforçando o exercício da dominação. Atribui-se ao chefe um poder de controle do tempo coletivo, de modificação do passado, transformação do presente e produção do futuro.*

Quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, em 1942, os efeitos do conflito começaram a repercutir em Uberaba, embora eles já se fizessem presentes no ano anterior. Um dos primeiros efeitos foi a indicação do prefeito Whady Nassif para a presidência da Junta de Alistamento Militar da cidade.<sup>229</sup> Coube a ele mandar publicar o Edital de Convocação de Sorteados da 12ª Circunscrição de Recrutamento de Juiz de Fora, 4ª Região Militar, à qual Uberaba estava ligada. Os sorteados deveriam se apresentar na cidade de Pouso Alegre, no 8º Regimento de Artilharia Montada.

A ida de vários recrutas de Uberaba para Juiz de Fora, ao todo 416, seguidos de mais 110 que foram para São João Del Rey, mudou a rotina da cidade. Em 1944, outros foram enviados para servir em Natal, na base de defesa do litoral, enquanto outros foram para o Rio de Janeiro e de lá embarcaram para os campos de batalha na Itália, só retornando com o fim da guerra. Ao todo foram convocados 884 reservistas de Uberaba.<sup>230</sup>

A população local também se mobilizou para colaborar no esforço de guerra, durante a campanha organizada em todo o país, para arrecadar objetos de metal para a fabricação de armas, que teve início em setembro de 1942, após a declaração de guerra à Alemanha. Os metais doados pela população foram entregues na Praça Rui Barbosa e a quantidade de metal arrecadada foi significativa.

Enquanto isso, foi criada a Legião Brasileira de Assistência para dar apoio às famílias dos recrutas que foram convocados para lutar na Europa ou na defesa do litoral brasileiro. Em Uberaba ela foi presidida pela esposa do prefeito, a senhora Maria

<sup>229</sup> LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, 08/01/1942.

<sup>230</sup> Revista: **Uberaba na 2ª Guerra Mundial**. Arquivo Público de Uberaba. Ano II. Série: Documento e História. Agosto/1995, n 2, p. 16.

Noronha Nassif, que contou com a participação de um número elevado de senhoras da elite local<sup>231</sup>.

Com a Guerra, vieram também muitas dificuldades, como o tabelamento de preços de alguns gêneros que começaram a faltar no comércio e que também tiveram o seu preço controlado por causa das altas especulativas ocasionadas pelo conflito. Isso fez com que o prefeito tivesse que tomar algumas atitudes mais firmes na resolução dos problemas e convocar reuniões na Câmara para que fossem discutidas as medidas a serem tomadas.

Outro problema que afetou a cidade foi o racionamento de combustível, que, para ser solucionado, foi necessário a convocação de uma reunião na Câmara Municipal,<sup>232</sup> a fim de ser encontrada uma forma de distribuição do combustível, já que a cota de gasolina para Uberaba, no mês de janeiro de 1943, fora de apenas 60.000 litros. Na reunião ficou resolvido que a distribuição seria feita mediante o fornecimento de talões de racionamento e que seria feito um pedido de aumento da cota de combustível para que fosse feito o transporte da safra agrícola.

Alguns dias depois, em nova reunião<sup>233</sup> foi decidido que seria averiguado junto aos plantadores de arroz a quantidade de cereal a ser transportado e a quantidade de gasolina necessária para tal. Também decidiu que seria feito um pedido às fornecedoras para que a remessa de gasolina fosse feita de maneira mais freqüente e que fossem solicitadas, junto ao Serviço de Comércio do Estado de Minas Gerais, mais informações sobre a cota de combustível destinada a Uberaba. E, por último, resolveu-se também fazer uma modificação na lista de distribuição de gasolina.

Uma semana depois da segunda reunião realizada para resolver os problemas do racionamento de combustível na cidade, fez-se necessária uma nova reunião,<sup>234</sup> em que se decidiu proceder a uma severa vigilância contra os fraudadores do produto, para terminar com a prática de misturas estranhas na gasolina recebida e racionada, que prejudicava a qualidade da mesma e desrespeitava as normas vigentes.

---

<sup>231</sup> LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 10.007, 14/09/1942.

<sup>232</sup> Ata da Câmara Municipal do dia 09/02/1943.

<sup>233</sup> Ata da Câmara Municipal do dia 12/02/1943.

<sup>234</sup> Ata da Câmara Municipal do dia 19/02/1943.

Em meio a tantas mudanças ocorridas na cidade de Uberaba, chamou atenção durante a administração do prefeito Whady Nassif a tolerância com o jogo, considerando o caráter conservador da sociedade local, que difundia uma imagem de defensora dos mais puros valores integralistas.

O fato foi que no ano em que se inaugurou a sede da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, hoje Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), no Parque Fernando Costa, e aproveitando, então, esse momento de mudanças patrocinado pelo período de “apogeu do Zebu” na cidade,<sup>235</sup> uma firma, Paulo Losso & Cia., resolveu abrir uma casa de diversões e espetáculos em Uberaba. Com isso, surgiu no cenário e na história da cidade, o Cassino da Exposição.

Inaugurado no dia 03 de maio de 1941, localizado ao lado do Parque Fernando Costa, foi chamado de “Palácio Iluminado” da então recém aberta Avenida Fernando Costa.<sup>236</sup> A casa de espetáculos prometia trazer artistas de renome<sup>237</sup> e promover eventos que agradassem a toda a sociedade uberabense.

Durante duas temporadas, 1941 e 1942, sempre aproveitando a época da Exposição Nacional de Gado Zebu, quando um grande número de políticos de expressão nacional, pecuaristas e pessoas de outras regiões se encontravam neste evento, o Palácio Iluminado funcionou promovendo shows de sucesso, de público e de crítica. Próximo ao cassino funcionava também o Jóquei Clube, realizando corridas de cavalos. Enfim, o cassino e a região que o circundavam se tornaram locus de sociabilidades, freqüentado pela alta sociedade uberabense.

---

<sup>235</sup> Expressão citada por LOPES, Maria Antonieta Borges, E, REZENDE, Eliane Marquez Mendonça de. **ABCZ, 50 Anos de História e Estórias**. Edição ABCZ. 1984, p. 88.

<sup>236</sup> LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 9081, 20/04/1942, p. 3.

<sup>237</sup> Idem. A reportagem fala sobre a apresentação de Sílvia Caldas no cassino em 1941.



Figura 21. Anúncio da inauguração do Cassino em maio de 1941.  
Referência: Arquivo particular do Jornal Lavoura e Comércio.

Ao lado das mesas de bacará<sup>238</sup> e da roleta<sup>239</sup> freqüentadores faziam suas apostas, artistas de diversas partes do país e até do exterior abrihantavam as noites do cassino. Entre estes estavam cantoras e cantores famosos da época, grupos de bailarinos e dançarinas individuais, humoristas, ventríloquos, mágicos, um transformista<sup>240</sup>, sopranos, duplas caipiras (que além de cantores eram também humoristas). Sílvia Caldas, que se apresentou em 1941, atraiu um grande público<sup>241</sup>.

O cassino promovia festas muito prestigiadas, como a festa da Boneca, das Rosas, do Abajour, do Perfume, do Rádio e ainda tardes dançantes<sup>242</sup>. Além destas festas, outras foram promovidas, igualmente valorizadas pela sociedade local e apoiadas pelas damas, em prol de casas assistenciais dedicadas a obras de caridade. Nelas foram feitos sorteios de prêmios aos freqüentadores como forma de arrecadação de recursos para benefício de instituições como: a Casa da Criança, a Santa Casa de Misericórdia, o Abrigo de Menores, o Preventório de Uberaba<sup>243</sup> e o Uberaba Esporte Clube.<sup>244</sup>

<sup>238</sup> Jogo cartado, de origem francesa, em que tomam parte um banqueiro e vários jogadores, os quais apostam nas cartas tiradas para a banca (8) ou nas tiradas para o ponto (21), ganhando o grupo que, com duas ou três cartas perfizer um total de pontos que mais aproxime de nove. Fonte: **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986, p. 215.

<sup>239</sup> **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Op. Cit. p. 596. Jogo de cassino onde se fazem apostas no número onde parará a bolinha após o giro da roleta.

<sup>240</sup> LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 8903, 24/09/1941. A reportagem fala sobre a apresentação do transformista Aymond no cassino.

<sup>241</sup> LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 9081, 20/04/1942, p. 3.

<sup>242</sup> Idem, nº 9088, 28/04/1942. Ou ainda como se encontra registrado na reportagem: “cook-tails dansantes”, com cantoras como a portuguesa Irene Coelho.

<sup>243</sup> A reportagem informa: A renda de uma das festas era para o Preventório de Uberaba ou Casa dos Leprosos, leprosário que cuidava dos portadores de Hanseníase em Uberaba. Sociedade beneficente encarregada de proteger os filhos de Lázaro. Idem, nº 9107, 18/05/1942.

<sup>244</sup> Time de futebol de campo profissional de Uberaba.

É interessante observar que as propagandas e as manchetes sobre o cassino, encontradas nos exemplares do jornal *Lavoura e Comércio* da época, nos mostram que o ambiente era familiar e freqüentado pela sociedade uberabense.<sup>245</sup>

O cassino foi fechado subitamente em 1942 quando, segundo relato de dois moradores do Bairro São Benedito<sup>246</sup>, ocorreu um incidente envolvendo a morte de um cavalo do Jôquei Clube, em circunstâncias “não muito claras”.<sup>247</sup> Com o fechamento do Jôquei, o cassino também cerrou suas portas, “por motivos de força maior,”<sup>248</sup> pois os grandes freqüentadores deixaram de vir a Uberaba, embora ainda existissem cassinos funcionando no Brasil.

No entanto, o fechamento do cassino em Uberaba tem versões diferentes. Segundo alguns jornais consultados,<sup>249</sup> os reais motivos não foram esclarecidos. O *Lavoura e Comércio* afirmava que o prefeito Whady Nassif teria sido o responsável pelo fechamento do cassino, em cumprimento à determinação do governo federal, em fevereiro de 1943.<sup>250</sup> A versão de que foi o prefeito que fechou o cassino consta em seu discurso, quando deixou o cargo.

O relacionamento do prefeito com a sociedade uberabense não era tão bom quanto parecia, pois, em 14 de junho de 1943 o prefeito Whady Nassif pediu, em caráter irrevogável, a sua exoneração do cargo ao Governador Benedito Valadares. Essa causou

---

<sup>245</sup> LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 9088, 28/04/1942. O jornal traz uma nota sobre a festa em benefício da Santa Casa de Misericórdia, a qual contou com a participação de famílias ilustres da sociedade uberabense.

<sup>246</sup> Depoimento oral do sr. Anselmo Carille, 93 anos, aposentado e morador de Uberaba, no dia 20/05/2000. E também de seu filho, Derval Carille, 62 anos, marceneiro, sobre o fechamento do cassino de que ambos tiveram conhecimento na época.

<sup>247</sup> “O cassino foi fechado devido a um incidente envolvendo a morte de um cavalo, em circunstâncias não muito claras e esclarecidas na época. Parece que ele teria sido morto e pertencia a um rico fazendeiro que sempre trazia cavalos para correrem no Jôquei Clube. Com a morte do cavalo o Jôquei foi fechado e o cassino também, pois os grandes freqüentadores deixaram de vir a Uberaba, por causa do incidente. Isso foi o que se comentou na época.” (Depoimento de Anselmo e Derval Carille, 20/05/2000) O jornal *Lavoura e Comércio* do dia 20/03/1945 também cita o fechamento do cassino, por “motivos de força maior”.

<sup>248</sup> Idem.

<sup>249</sup> Os jornais consultados foram o *Lavoura e Comércio* (em seu arquivo) e o *Correio Católico* (nos exemplares do acervo do Arquivo Público de Uberaba).

<sup>250</sup> LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 10.128, 06/02/1943.

um impacto muito grande, não só na sociedade como também na imprensa local, que noticiou o ocorrido em primeira página.<sup>251</sup>

Em outras cidades próximas o fato mereceu também reportagens de destaque, como no caso do jornal “A Tribuna”<sup>252</sup> de Uberlândia, que noticiou sua exoneração também na primeira página, assim como também publicou o telegrama enviado ao governador pelo prefeito e a resposta de Benedito Valadares.

No telegrama enviado ao governador o prefeito Whady Nassif pede a sua exoneração, alegando não conseguir resolver os problemas de desarmonia local.

*“Exercendo há quase seis longos anos o cargo de Prefeito deste município e não desejando mais continuar à frente do mesmo, quando atravessa uma fase de grande desarmonia a família uberabense, venho respeitosamente deixar nas mãos de v. excia. o cargo de Prefeito Municipal de Uberaba, cargo que sempre procurei exercer com dedicação e lealdade.*

*E ao tomar essa atitude desejo reafirmar a v. excia a minha inteira solidariedade ao seu governo sábio e realizador, e agradecer sinceramente todas as demonstrações de apreço à minha pessoa e de prestígio à minha administração em cujo longo período, v. excia. realizou o sonho de Uberaba, dotando-a de força, luz e água.*

*Reafirmando a v. excia. a minha inteira amizade e sincera solidariedade, subscrevo-me respeitosamente. - Whady Nassif – Prefeito de Uberaba.”*

Respondendo ao Prefeito, também por telegrama, o governador aceitou o pedido de exoneração do Prefeito.

*“Prefeito Whady Nassif – Uberaba - Venho comunicar-lhe que, atendendo necessidade de harmonizar a situação do município, e considerando a circunstância de haver o prezado amigo, por mais de uma vez, como ainda agora, posto em minhas mãos sua renúncia ao cargo de Prefeito, concedi-lhe hoje exoneração do referido cargo, nomeando para o mesmo o Dr. Carlos Martins Prates.*

*Desejo apresentar-lhe os meus agradecimentos pelos patrióticos serviços que com dedicação, eficiência e lealdade prestou ao Estado e ao município, no exercício daquelas, e, ao mesmo tempo manifestar-lhe que será grato ao meu governo em qualquer oportunidade continuar a prestar sua colaboração em outras atividades da administração. Saudações cordiais – Benedito Valadares – Governador do Estado.”*

<sup>251</sup> Idem, nº 10.236, 15/06/1943. Primeira e última página. Reportagem: Exonerou-se do cargo de Prefeito de Uberaba o Dr. Whady José Nassif.

<sup>252</sup> Jornal A TRIBUNA, Uberlândia, nº 1685, 24/06/1943. Primeira página.

A reportagem lembra “a brilhante administração do prefeito Whady Nassif”<sup>253</sup> e lamenta o fato dele ter pedido a exoneração do cargo, embora elogie também a forma como honrosamente decidiu se afastar do cargo. Embora deixe em suspenso os motivos da saída do prefeito, a reportagem questiona o que o teria levado a tomar essa atitude.

Os motivos que levaram o prefeito Whady Nassif a deixar o cargo não estão nos documentos oficiais e nem nos artigos de jornais. Por meio de alguns depoimentos orais podemos entender um pouco do que teria acontecido na época. Também uma reportagem de jornal da época de seu falecimento, em 1984, esclarecia um pouco mais sobre o seu pedido de exoneração, apontando as pressões que sofreu quando ocupou o cargo de prefeito e a oposição de certos grupos locais à sua administração.

Segundo o Jornal Lavoura e Comércio:<sup>254</sup>

*Logo depois que assumiu o exercício de chefe do Executivo Municipal, Whady José Nassif começou a sentir a hostilidade de antigos companheiros que tiveram, com a escolha de seu nome, ambições e interesses contrariados. Essa hostilidade, vasada quase sempre em críticas vazias, despidas de conteúdo cívico e animadas somente do desejo de ferir o governante municipal e confundir a opinião pública, prolongou-se ao longo de sua administração. Mas não conseguiram perturbá-la e nem modificar seu roteiro de realizações. A personalidade política de Whady José Nassif pode ser definida como exemplo de modéstia atuante, de serenidade e ponderação. Prestou, sem alardes, sem... propaganda, bons serviços a esta cidade e a esta zona, fazendo-o com firmeza, indiferente e superior a críticas acerbas porém vazias de conteúdo, e acolhendo com boa vontade sugestões criteriosas feitas por correligionários ou mesmo adversários políticos.*

Mas se observarmos que ao longo de sua administração, mesmo com a aparente aprovação da grande maioria da população às reformas que o Prefeito realizou na cidade, alguns aspectos podem ter motivado as críticas e a hostilidade de muitos. Algumas atitudes e medidas tomadas por ele podem ter gerado ressentimentos que só detectamos em alguns relatos e que ele mesmo não deixou transparecer em seu discurso final, quando da transferência do cargo ao seu sucessor.

<sup>253</sup> In: Jornal A TRIBUNA, Uberlândia, nº 1.685, 24/06/1943. Primeira página.

<sup>254</sup> O falecimento de Whady José Nassif. In: LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 21.833, 06/07/1984, p. 8.

Uma dessas atitudes foi a própria abertura das ruas e avenidas para a colocação da tubulação de água e esgoto, que foram alvo de críticas e de comentários preconceituosos, lembrados por sua sobrinha Dirce. Embora as obras fossem trazer benefício para a população, uma parcela as viu como um transtorno, que mudou a rotina da cidade e o cotidiano das pessoas. Sem falar nas desapropriações que foram feitas para a abertura das avenidas e que foram mal aceitas pelos proprietários dos imóveis.

Outro fator que consideramos como motivo da sua renúncia foi a oposição da Igreja local, na figura do arcebispo D. Alexandre, que por diversas vezes se colocou contrário a certas medidas tomadas pelo Prefeito, inclusive através de artigos publicados no jornal da Diocese, o Correio Católico. Entre as medidas que contrariaram o arcebispo destacou-se a implantação das aulas de Educação Física nas escolas e a doação do terreno pela Prefeitura para a construção da Praça de Esportes, terreno este que o arcebispo queria que fosse para obras da igreja.

Juntando a esses há também a questão da volta dos leprosos de algumas colônias para as quais tinham sido transferidos e que acabaram convivendo novamente com a população, o que acarretou a insatisfação de muitas pessoas. Além da insatisfação das famílias tradicionais que viviam na Praça Rui Barbosa e que se ressentiram com o corte das palmeiras e com a remodelação feita.

Os problemas que a cidade passou com a entrada do Brasil na Segunda Guerra e que repercutiram na cidade, como o tabelamento dos preços dos produtos, o racionamento de combustível e as medidas que tiveram que ser tomadas para administrar todos esses contratempos, também foram motivos de críticas à administração de Nassif.

Mas dois outros pontos também podem ser considerados. Um deles teria sido a emancipação, em 1938, dos quatro distritos que pertenciam a Uberaba, fato que levou a cidade a acumular perdas, não somente na diminuição da arrecadação dos impostos, como também em termos de influência e prestígio político, acarretando mudanças no jogo político na região.

Outro ponto grave a ser considerado foi a criação, pelo Exército, de uma sede da Liga de Defesa Nacional em Uberaba no ano de 1942 e que, de acordo com as normas, a presidência local foi atribuída ao prefeito. O objetivo da liga era incitar as pessoas às manifestações de rua em apoio à entrada do Brasil no conflito e perseguir o considerado Quinta-Coluna. A liga promoveu conferências públicas em que incitava a população a cerrar fileiras contra o Quinta-Coluna, o inimigo invisível do país, segundo o governo federal e que foi visto na figura dos imigrantes indesejáveis, oriundos dos países do eixo: os japoneses, os italianos e os alemães. Essa campanha contra o chamado Quinta-Coluna se intensificou com artigos nos jornais, programas cívicos no rádio, passeatas, confisco de rádios nas casas de imigrantes e descendentes, busca por rádios de transmissão e até mesmo perseguições, provocando uma situação de conflito entre a população, os imigrantes e seus descendentes.

Mesmo com a dissolução da liga alguns meses depois, após ter realizado somente quatro reuniões - por causa do não recebimento dos estatutos que seriam enviados pelo Exército, mas que não chegaram - os conflitos locais já tinham se instalado, continuaram as perseguições, os estímulos às delações e os constrangimentos realizados contra os imigrantes, prisões para averiguações, algumas até com o uso de violência e atos de espionagem nas colônias.<sup>255</sup>

Somando tudo que ocorreu entre a população e os imigrantes, à Liga coube a incumbência de assumir a responsabilidade pelo início do alistamento militar quando da entrada oficial do país na guerra. Foram momentos difíceis e que colocaram o Prefeito em uma situação delicada, já que assumiu a presidência da Liga, como representante local. Aos poucos acabou percebendo que as ações da Liga foram responsáveis pelos desentendimentos na comunidade, estimulando delações e gerando um clima de medo.<sup>256</sup> Clima que cita no telegrama em que pede sua exoneração e em seu discurso de despedida, como uma *fase de grande desarmonia*,<sup>257</sup> já que a cidade passava por uma onda de agitação muito grande provocada pela Liga de Defesa Nacional. O prefeito foi considerado um dos responsáveis pelo clima de xenofobia que se instalou na cidade.

<sup>255</sup> Revista: **Uberaba na 2ª Guerra Mundial**. Op. Cit. p. 11-15.

<sup>256</sup> FONTOURA, Sonia Maria. **A Invenção do Inimigo: Racismo e Xenofobia em Uberaba 1890-1942**. Op. Cit. Cap. IV. A historiadora explora como se construiu a imagem do “inimigo” na figura do “Quinta-Coluna” e todas as perseguições e constrangimentos pelos quais passaram os imigrantes italianos, japoneses, alemães e seus descendentes em Uberaba e na região.

<sup>257</sup> A TRIBUNA, Uberlândia, nº 1685, 24/06/1943. Op. Cit.

Todos esses aspectos foram se acumulando, até que o Prefeito começou a sentir que tudo aquilo em que acreditara até aquele momento passava por mudanças. O próprio governo federal, embora antes da guerra se espelhasse no regime fascista e em seus princípios de civismo e nacionalismo, tinha se posicionado ao lado dos Aliados por razões econômicas. A política de modernização que vinha sendo implantada na cidade com as obras de infra-estrutura não poderia ter continuidade sem apoio político e da população. O clima de medo e de conflitos internos, inclusive contra alguns grupos de imigrantes e descendentes, se refletiu em uma forte oposição à sua administração.

Por fim, estava em jogo também a sua fidelidade ao regime, que começou a pesar sobre seus ombros e atingir seus princípios, sempre pautados pela retidão, pela ordem e desinteresse cívico. Não querendo abrir mão desses princípios e admitindo que *“nunca havia abusado de seu cargo para perseguir a quem quer que fosse e nem para prejudicar a qualquer um, que talvez tivessem razões de sobejo para serem hostilizados”*<sup>258</sup>, preferiu deixar o cargo. Com isso ele demonstrou que não sentia mais vontade de continuar como prefeito, embora tenha tentado dar o melhor de si enquanto administrador.

Na visão de Lopreato,<sup>259</sup> essa atitude reflete:

*“O querer, tema caro ao pensamento de Hannah Arendt..., relacionado a uma concepção de homem como ser ativo, capaz de fazer algo por si mesmo, de sentir-se livre, mesmo numa situação de coação porque, ainda assim, pode exercitar a sua capacidade de dizer não. O querer dota o homem de dignidade. Ao dizer não, o homem afirma sua identidade própria.”*

Ao que parece, foi o que aconteceu com o prefeito Whady Nassif: ele sofreu uma forte oposição durante o tempo em que administrou a cidade e quando não foi mais possível agüentar a pressão exercida por seus opositores, decidiu deixar o cargo.

Nesse aspecto Lopreato<sup>260</sup> nos lembra que

<sup>258</sup> Trecho do discurso de Whady Nassif, quando da transmissão do cargo de Prefeito de Uberaba para seu sucessor Carlos Martins Prates. (LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 10242, do dia 22/06/1943, primeira página.)

<sup>259</sup> LOPREATO, Christina da Silva Roquette. **O Respeito a Si Mesmo: Humilhação e Insubmissão..** Uberlândia: UFU, Nephispo.

*“A humilhação atinge a identidade moral do indivíduo e causa impacto sobre o seu autoconceito. E o sentir-se ofendido é a pedra-de-toque da honra, sentimento e modo de conduta ligada à afirmação de si e à preservação da sua personalidade moral. A honra se vincula à exigência do respeito à própria dignidade quando esta está sob ameaça. Ela significa a recusa em pactuar com o rebaixamento provocado por uma situação de humilhação. Quando a dignidade é afrontada, a honra é afetada.”*

Quando ele se sentiu humilhado em determinadas situações criadas por grupos que faziam oposição à sua administração, preferiu deixar a prefeitura nas mãos de outra pessoa do que ter a sua honra manchada por questões políticas, especialmente a partir de 1942 e da atuação da Liga de Defesa Nacional, conforme está implícito nas reportagens sobre a sua saída, sobre a transmissão de cargo para o sucessor e sobre o seu falecimento. Percebia-se que se ressentiu da injustiça de que foi alvo na época, por não terem considerado o que de bom fez pela cidade em termos de melhorias na estrutura urbana.

Olhando sob outro aspecto o pedido de exoneração de Nassif, podemos considerar que não deve ser visto apenas como um representante do novo regime que se instalara em 1937, não apenas como um prefeito nomeado, mas também como um cidadão que acreditava naquilo que fazia e que conseguiu o apoio de muitas pessoas para seus projetos e realizações. Mas quando ele passou a não mais acreditar na política de Vargas, desistiu.

Numa análise pode-se considerar também o conflito entre grupos sociais pelo acesso ao poder, os jogos de poder que sempre existiram e que também estavam presentes durante o período em que Whady Nassif foi prefeito de Uberaba. Mesmo em uma ditadura, quando um grupo domina outros de forma sistemática e aparentemente não é afrontado, ocorrem resistências por parte dos grupos dominados, que se ressentem da perda do poder e que por isso se voltam contra os que o detêm. Portanto, os opositores de Nassif foram, aos poucos, minando seus feitos administrativos por meio de críticas veladas que somente apareceram nas falas de alguns que vivenciaram o período.

---

<sup>260</sup> Idem.

Nesse embate houve um claro enfrentamento entre, de um lado, os fazendeiros tradicionais, a Igreja, os que não aceitaram suas obras urbanas e até mesmo os alvos da Liga de Defesa Nacional; do outro lado, Whady Nassif e os que apoiaram sua administração porque acreditavam na política de Vargas, implantada na cidade pelo prefeito.

Portanto a administração e o relacionamento do prefeito com a sociedade local foi pautada por muitas oscilações: ora foi visto como bom prefeito e administrou de forma honesta, ora como um político progressista, em alguns casos como perseguidor ou intransigente.

Em alguns depoimentos orais aparecem falas que confirmam sua visão de honestidade e que teria sido bom para a população: *O Prefeito Whady Nassif foi um prefeito que em termos gerais foi bom, era educado, relativamente honesto em seu governo.*<sup>261</sup>

A visão dele como um bom administrador também aparece na fala de Manoel:<sup>262</sup> *Nessa época eu morava no Patrimônio dos Poncianos... Ele foi um bom prefeito, pelo menos era o que o povo falava.*

A mesma visão progressista está presente também em outro depoimento, de Paiva:<sup>263</sup> *O Whady foi uma pessoa de boa comunicação, não discriminava as pessoas, foi muito amigo de meu pai. Era um homem progressista.*

Em outras falas aparecem as perseguições que ele sofreu, que não foram detectadas nos jornais e nos documentos oficiais, mas que estão presentes no depoimento de sua filha Lúcia:<sup>264</sup> *Meu pai foi perseguido, ameaçado. Certa vez um empregado seu foi até baleado por inimigos políticos.*

A perseguição velada está também no depoimento da professora Dirce:<sup>265</sup> *Ele conseguiu emancipar o município de Conceição das Alagoas, que era um Distrito de Uberaba,*

---

<sup>261</sup> Anselmo Carille, entrevista concedida no dia 04/02/1999, Uberaba - MG.

<sup>262</sup> Manoel Faustino de Oliveira, entrevista concedida no dia 27/08/2000, Uberaba - MG.

<sup>263</sup> Antônio Corrêa de Paiva, empresário aposentado, estudioso e escritor espírita, entrevista concedida em 25/07/2002, Uberaba - MG.

<sup>264</sup> Lúcia Regina Nassif Zouein, entrevista concedida no dia 25/08/2000, Uberaba - MG.

<sup>265</sup> Dirce Nassif Miziara, entrevista concedida no dia 25/08/2000, Uberaba - MG.

*o que pode ter provocado a hostilidade de alguns políticos locais na época em que ele foi prefeito.*

Embora pareça contraditório, pelo fato dele ter administrado a cidade por seis anos, segundo Mariana<sup>266</sup> a perseguição e a discriminação veladas, sofridas pelo prefeito durante a sua gestão, causaram revolta na colônia: *Os árabes ficaram revoltados com a saída de Whady Nassif da prefeitura. Ele foi discriminado por ser de descendência sírio-libanesa.*

Outra visão do prefeito mostra seu lado pessoal sob um aspecto até certo ponto negativo: *O Dr. Whady era fechado, não fez nada do que havia prometido ao meu pai, o Dr. Olavo, em troca do apoio à sua candidatura a prefeito de Uberaba. Ele era também intransigente.*<sup>267</sup>

Contrapondo o depoimento de Lúcia, Diva<sup>268</sup> afirma que: *Como pessoa o Whady era muito bom, alegre, comunicativo e religioso. O povo não gostava de mudanças e o que ele fazia pode ter desagradado pessoas poderosas. A família era muito reservada e eu não sei se ele realmente pediu para sair da prefeitura.*

As visões contraditórias sobre o prefeito também aparecem em outros depoimentos. Um deles, o de Sebastião Bernardino,<sup>269</sup> que mostra com clareza a ambigüidade com que foi visto: *Um pouco do povo de Uberaba elogiava o Whady e outra parte falava mal.*

Também no depoimento de Wagner do Nascimento<sup>270</sup> aparecem todas essas visões, sua gestão marcante, o preconceito contra os imigrantes: *A sua administração foi marcante na história de Uberaba. Os sírios e libaneses foram impedidos de freqüentarem o Jôquei Clube, por isso construíram um clube só para eles. Eu passava na praça quando estudava no colégio que ficava próximo ao Marista, em uma das esquinas e via sempre a placa*

<sup>266</sup> Mariana Nabut, em entrevista concedida em sua residência, no dia 01/12/2001, Uberaba - MG.

<sup>267</sup> Lúcia de Oliveira Souza, em entrevista concedida no dia 24/07/2002, Uberaba - MG.

<sup>268</sup> Diva de Oliveira Nassif, em entrevista concedida em sua residência, no dia 10/08/2002, Uberaba - MG.

<sup>269</sup> Sebastião Bernardino da Silveira, aposentado, em entrevista concedida no dia 30/07/2003, no Asilo Bezerra de Menezes, Uberaba - MG.

<sup>270</sup> Wagner do Nascimento, prefeito de Uberaba de 1983 a 1988, quando da morte do também ex-prefeito Whady Nassif, em entrevista pelo telefone, direto de Brasília, conseguida por intermédio da sua esposa e atual Secretária Municipal do Trabalho e Assistência Social de Uberaba, no dia 13/01/2005, na sede da Secretaria de Assistência Social, Uberaba - MG.

*com o seu nome, que tem no obelisco bem no centro da praça. Quando ele morreu tomei a iniciativa de homenageá-lo organizando o velório na Câmara de Vereadores, já que ele foi o primeiro prefeito de Uberaba.*

Todos esses depoimentos nos mostram que a sua relação com a comunidade uberabense foi marcada por contradições, dificuldades, apoios e oposições. As pessoas que conviveram mais intimamente com a política local perceberam suas dificuldades como administrador, embora alguns reconheçam suas obras na cidade, os jornais o apoiaram - pelo menos aparentemente, - os dados oficiais têm lacunas que não vão além dos registros administrativos e a historiografia registrou apenas sua passagem pela prefeitura como um Prefeito Interventor.

## Capítulo III

### Memória Coletiva – produção de identidades políticas.

*A relação entre memória e esquecimento pode-se objetivar num discurso, mas, para que a relação exista, deve também existir o documento capaz de dar à memória pelo menos a força do esquecimento: o documento que se imponha como pilar da memória e que a memória tende, inevitavelmente a rejeitar. Com efeito, a história dos historiadores e a história presente na memória coletiva são distintas: “Para o historiador, Deus mora nos detalhes. Mas a memória se subleva, denunciando que os detalhes se transformaram em deuses.”<sup>271</sup>*

#### 3. 1. A memória oficial do Prefeito

Com relação à memória que se construiu da trajetória administrativa do prefeito Whady Nassif, acreditamos que se torna necessário acrescentar alguns aspectos que ficaram de fora dos documentos oficiais sobre esse período e que podem ser respondidos em parte através de depoimentos de algumas pessoas que ainda não tiveram a oportunidade de se fazerem ouvir, e também por novos olhares sobre uma série de documentos não-oficiais, como os jornais da época.

Constatamos através da pesquisa documental que a memória da cidade sobre a gestão do Prefeito Whady Nassif perdeu-se, em grande parte. Poucos dados se encontram sobre esse período, a não ser em documentos oficiais como as Atas da Câmara e nos jornais da época. Também encontramos algumas de suas ações em livros de decretos municipais, onde podemos acompanhar parte de sua administração através das leis e decretos criados por ele.

Refazer o caminho em busca da memória oficial que se construiu e também da memória coletiva, buscar o que ficou sobre o período na história local, obrigou-nos a mergulhar em documentos que sobreviveram ao tempo, em locais nem um pouco apropriados para sua conservação, como os documentos da Câmara Municipal e da

---

<sup>271</sup> SARLO, Beatriz. A História contra o Esquecimento. In: **Paisagens Imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação**, Trad. Rubia Prates e Sérgio Molina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997, p. 41.

Prefeitura. Foram necessárias também várias consultas ao acervo do Arquivo Público Municipal, sempre buscando um detalhe ou outro que surgia e que poderia nos levar ao que havia se preservado desse período. Mas, o mais empolgante foram as entrevistas realizadas com pessoas que acompanharam a administração do prefeito e que acabavam nos levando a outras pessoas, e que a cada momento nos descortinavam uma nova cidade e uma nova visão da época, visão esta que ninguém ainda havia registrado ou que às quais não deram a devida importância.

Os depoimentos orais nos chamaram a atenção pelo volume de informações particulares que adicionam à pesquisa. Segundo Amado:<sup>272</sup>

*... o uso do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processo que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma... São histórias de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas, ...  
... a pesquisa com fontes orais apóia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas, incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas – porque tradicionalmente relacionados apenas a indivíduos – como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano;*

Quando começamos a confrontar os documentos oficiais com os depoimentos e com o que foi encontrado nos jornais do período, detectamos a presença de fatos que não são lembrados na cidade. Isso nos levou a considerar que não existe ainda uma memória construída sobre o Prefeito e sua administração, mas sim, em construção. Torna-se necessário buscar essa memória que existe, mas que ainda não se tornou visível à população.

Outro ponto que temos que lembrar é que a memória oficial da cidade de Uberaba não expressa e nem mesmo registrou, é o comportamento privado do Prefeito, detectado apenas por meio dos depoimentos. Sobre a memória da vida particular de um indivíduo, diz Heller:<sup>273</sup>

---

<sup>272</sup> AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes, coordenadoras. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 14.

<sup>273</sup> HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 6 ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra Filosofia., 2000, p. 91-92.

*... O homem em público representa um papel, um papel em sentido literal, “dá seu espetáculo”, expressa opiniões, estados de espírito, julgamentos, etc., que talvez nada tenham em comum com os que lhe são próprios.*

*... não há nenhum homem (em nenhuma comunidade) que conheça ou seja capaz de conhecer o outro indivíduo em todas as suas relações, na totalidade de suas reações.*

Nesse voltar no tempo foi que constatei, como afirma Calvo,<sup>274</sup> que para compreender a memória de uma cidade seria necessário também ter que

*“Resgatar as marcas dos sujeitos que experimentaram no seu dia-a-dia as tensões e com essas ações a construíram, fazendo dela um campo de lutas... cujas disputas, realizações e/ou derrotas apontam para uma cidade de muitas memórias e histórias configuradas nos lugares forjados e nos diferentes significados que foram derrotados e/ou vitoriosos.”*

A princípio, o que foi buscado nos diversos documentos oficiais e jornalísticos, como também nos relatos orais, esperando também que eles nos dissessem mais sobre o período e a gestão do Prefeito, eram subsídios que confirmassem a fala de Veyne,<sup>275</sup>

*“A síntese histórica não é outra coisa senão a operação de preenchimento das lacunas, uma teoria de probabilidades.*

*O curso dos fatos não pode, pois, se reconstituir como um mosaico; pois por mais numerosos que seja, os documentos são necessariamente indiretos e incompletos; e deve-se por isso projetá-los sobre um plano escolhido e ligá-los entre si.*

*A história é um palácio do qual não descobriremos toda a extensão... e do qual não podemos ver todas as alas ao mesmo tempo; assim não nos aborrecemos nunca nesse palácio em que estamos encerrados... Esse palácio é, para nós, um verdadeiro labirinto; a ciência dá-nos fórmulas bem construídas que nos permitem encontrar saídas, mas que não nos fornecem a planta do prédio.”*

O que foi detectado através dessa busca sobre a gestão do Prefeito foi que a memória oficial não registrou muitas informações, pelo fato de não existir uma preocupação significativa com a memória da cidade e também por razões que ainda desconhecemos. Mas na memória das pessoas ficou registrado muitos fatos sobre o período e torna-se necessário trazê-los à tona, se quisermos entender um pouco mais sobre a história da cidade.

<sup>274</sup> CALVO, Célia Rocha. “Cultura e Cidade: Uberlândia, Espaços, Memórias e Vivências.” Op. Cit., p. 397.

<sup>275</sup> VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a História**. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 73, 78 e 133.

Por isso, dizer que Whady Nassif foi apenas um Prefeito Interventor, nomeado por Benedito Valadares, que administrou a cidade de Uberaba no período de 1937 a 1943, durante o Estado Novo, conforme encontramos em algumas publicações locais recentes do Arquivo Público<sup>276</sup> e de alguns historiadores,<sup>277</sup> na verdade não diz nada do que ele foi.

Ele, na verdade, foi eleito para o cargo pelos vereadores da cidade, em uma votação indireta, já que o povo apenas votava nos vereadores e estes escolhiam o prefeito. Mas, se ele tomou posse, seu nome foi aceito pelos representantes da comunidade, a qual não se manifestou contra a eleição. Isso tem que ser considerado já que ele governou alguns meses como prefeito eleito, mesmo que depois tenha sido nomeado pelo Interventor mineiro, se tornando um Prefeito Interventor.

Whady Nassif foi também um administrador que mudou parte da estrutura urbana da cidade, pois foi na sua gestão que foram abertas as avenidas mais importantes, foi feita a canalização de água e esgoto, construiu-se uma usina de força para resolver um grave problema de falta de energia, além de outras melhorias já citadas. A autoria dessas obras não é do conhecimento da maioria da população, somente está registrado nos documentos oficiais a que poucos interessados, como os historiadores, têm oportunidade de acesso, e registrado na memória de algumas pessoas que vivenciaram o período. Muitas pessoas sequer já ouviram falar em seu nome, por falta de interesse pela história local ou porque não há preocupação na divulgação da história das sucessivas administrações municipais.

A única homenagem prestada pela coletividade ao ex-prefeito foi a denominação de seu nome Whady José Nassif a uma rua da cidade. A idéia de homenageá-lo partiu de um vereador<sup>278</sup> quando de sua morte em 1984, que por meio de um projeto de lei aprovado e transformado em lei no ano seguinte,<sup>279</sup> mas que acabou não entrando em

---

<sup>276</sup> Folheto: **Centro Administrativo Municipal de Uberaba**. Arquivo Público de Uberaba, p. 10,14,16.

<sup>277</sup> COUTINHO, Pedro dos Reis. Op. Cit., p. 117.

<sup>278</sup> Câmara Municipal de Uberaba, livro de Projetos de Leis. O vereador que propôs a criação do logradouro com o nome Whady José Nassif foi o Dr. Aluízio Ignácio de Oliveira, através do Projeto de Lei nº 067/84, datado de julho de 1984.

<sup>279</sup> Câmara Municipal de Uberaba, livro de Leis Municipais. A lei municipal de nº 3598, sancionada pelo então prefeito de Uberaba, Wagner do Nascimento, em janeiro de 1985, autorizava a criação do logradouro com o nome de Whady José Nassif, e afirmava no seu Art. 2º, que a lei entraria em vigor na data de sua publicação que foi 26/02/85, no jornal Lavoura e Comércio.

vigor. Somente doze anos depois foi que, através de outro decreto<sup>280</sup> o prefeito do período denominou seu nome a uma rua em um loteamento que estava abrindo na cidade. Embora a homenagem tenha se concretizado, sequer a família sabia dela quando foram entrevistadas suas filhas e sobrinha, pois não houve divulgação do fato.

281

### 3.2. A memória coletiva

Por isso a busca pela memória não só oficial como também pela memória coletiva exigiu uma investigação aprofundada sobre esses conceitos e à revisão dos trabalhos de alguns historiadores.

Entre esses trabalhos citamos o de Fontana:

*A história de um grupo humano é a sua memória coletiva e cumpre a respeito dele a mesma função que a memória pessoal num indivíduo: a de dar-lhe um sentido de identidade que o faz ser ele mesmo e não outro. Daí a sua importância. Porém, convém compreender qual é a natureza da memória. As nossas recordações não são os restos descoloridos de uma imagem fotográfica que reproduz fielmente a realidade, mas sim uma construção que fazemos a partir de fragmentos de conhecimento que já eram, na sua origem, interpretações da realidade e que, ao voltarmos a reuni-los, reinterpretemo-lo à luz de novos pontos de vista. Algo parecido acontece com essa forma de memória coletiva que é a história, que é a que dá sua identidade às sociedades humanas. Referindo-se à inevitável contaminação dos dados que manejamos com a nossa experiência vivida, Raphael Samuel escreveu: “estamos reinterpretando constantemente o passado à luz do presente (...); inclusive quando reproduzimos literalmente as palavras e as frases, as ressonâncias são as do nosso tempo (...). Por mais zelosamente que protejamos a integridade do nosso tema de estudo, não podemos isolá-lo de nós mesmos”.*<sup>282</sup>

---

<sup>280</sup> Prefeitura Municipal de Uberaba, Secretaria Municipal de Governo, livro de Decretos Municipais Através do decreto nº 727, de 21 de julho de 1997, o então prefeito Marcos Montes Cordeiro, coloca a Lei Municipal nº 3598 em vigor determinando a denominação da Rua Projetada “A” do Loteamento Parque do Mirante, de Whady José Nassif.

<sup>281</sup> Quando foram feitas as entrevistas com sua filha Lúcia Regina e sua sobrinha Dirce, no ano 2000, a filha tinha afirmado que não existia *nenhuma rua ou praça com o seu nome*. Já a sobrinha sabia apenas do projeto de lei proposto pelo vereador e do arquivamento do projeto na gestão seguinte. Dirce pensava também que o vereador tinha proposto a criação de uma praça com o nome de seu tio Whady, mas na verdade era uma rua e ela desconhecia a existência da lei que foi sancionada pelo prefeito Wagner do Nascimento acatando a proposta do vereador.

<sup>282</sup> FONTANA, Josep. Reflexões sobre a história, do além do fim da história. In: **História: Análise do Passado e Projeto Social**. Bauru: Edusc, 1998, p. 267.

Reverendo essa posição de Samuel citada por Fontana,<sup>283</sup> e também as de Maurice Halbwachs na sua obra *Memória Coletiva*,<sup>284</sup> é possível perceber que tanto ele quanto Fontana, falam sobre o significado de memória coletiva. Embora tenham posições diversas, percebe-se que ambos reforçam a noção de memória como reconstrução, memória interessada que parte do presente em busca do passado.

Para Pierre Nora, que por sua vez também se identifica com Halbwachs, e sua idéia de lugares de memória,<sup>285</sup> a memória como reconstrução tem uma forte ênfase na razão. Mas, para Nora ela é voluntária, está ligada aos espaços; e por outro lado ele afirma que com isso a memória espontânea deixa de existir, pois, o que vai continuar existindo é a memória historicizada, reconstituída através da história e da historiografia, racional, crítica, e que só poderá ser encontrada nos arquivos, nos documentos. Já para Halbwachs, a memória de cada um se apóia na memória dos outros, não que lembrem a mesma coisa, mas o que se lembra depende da lembrança de outros; ela é contínua, lembra o grupo, tem uma lógica e uma narrativa, e pode ser passada para outro grupo.

Todos eles vinculam a memória ao social, ao grupo; embora exista a memória individual, esta se insere na memória coletiva. Nos três posicionamentos o grupo está presente, as relações entre os indivíduos são necessárias tanto para que a memória se reconstrua quanto para que se estabeleça como uma lembrança, que nem sempre corresponde ao que realmente aconteceu, mas que se manteve através de uma série de manifestações, documentos ou lembranças pessoais.

Na reconstrução de memória, não importa se ela é realmente memória ou memória historicizada; o trabalho com a história oral é um eixo que acaba aproximando memória e história. Este é um dos aspectos que ressaltam no diálogo que travamos com o entrevistado no decorrer da investigação sobre Nassif.

Na análise de Neves:<sup>286</sup>

<sup>283</sup> FONTANA, Josep. Reflexões sobre a história, do além do fim da história. Op. Cit. p. 267.

<sup>284</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

<sup>285</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História – A problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo. (10) dez. 1993, p. 7-28.

<sup>286</sup> NEVES, Lucília de Almeida. Memória e História: substratos da identidade. In: **Anais do XX Simpósio Nacional da ANPUH**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP: ANPUH, 1999, Vol. II, p. 1066.

*A memória e a História são processos sociais, são construções dos próprios homens que têm com referências as experiências individuais e coletivas inscritas nos quadros da vida em sociedade. Dessa forma, “a memória, com substrato da identidade, refere-se aos comportamentos e às mentalidades coletivas, na medida em que relembrar individual encontra-se relacionado à inserção histórica de cada indivíduo”. Portanto, as motivações exteriores, como no caso da história oral, inúmeras vezes desencadeiam o processo de reordenação, de releitura de vestígios, e de reconstrução da identidade histórica.*

Ao fazermos determinadas perguntas sobre o tema de nossa pesquisa, notamos que algumas pessoas faziam um esforço para se lembrar e mostravam documentos, fotografias, como se isso as ajudasse a nos passar a noção exata do que realmente aconteceu, mas que precisavam demonstrar por meio de provas concretas que possibilitassem a reconstituição dos fatos. Às vezes, elas nos contavam fatos ligados a outras pessoas que aparentemente não tinham nenhuma ligação com o que estávamos falando, mas que depois percebíamos que tinham sim uma ligação. E o que elas pensavam ser essencial era que tivéssemos conhecimento daqueles outros acontecimentos para termos uma noção real dos mesmos e de como eles faziam parte de todo um contexto mais amplo.

Quanto à memória coletiva diz Halbwachs:<sup>287</sup>

*Quando nos lembramos... há todo um quadro de dados temporais aos quais essa lembrança está de qualquer maneira relacionada...  
Acontece também que não reconstituímos o quadro temporal senão depois que a lembrança foi restabelecida e então somos obrigados, a fim de localizar a data do acontecimento, dele examinar em detalhes todas as partes. Mesmo assim, já que a lembrança conserva os traços do período ao qual se reporta, este só foi lembrado talvez, porque havíamos vislumbrado esses traços, e pensado no tempo em que o acontecimento se realizou. Não é menos verdade que, em grande número de casos, é percorrendo em pensamento o quadro do tempo que ali encontramos a imagem do acontecimento passado: porém, para isso, é preciso que o tempo seja capaz de enquadrar as lembranças.*

Neste aspecto, o que significaria a memória relembrada pelas pessoas nos seus depoimentos? Na hora em que a pessoa lembra será que ela revive o sentimento ou as sensações que realmente viveu diante de alguns acontecimentos? Acreditamos que em alguns casos, pelo menos nos que tivemos oportunidade de perceber, o momento vivido volta com toda a sua força e emoção, devido ao que a pessoa demonstra durante a fala,

<sup>287</sup> HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Op. Cit., p. 100-101.

sejam emoções expressas ou contidas, ligadas às coisas que vivenciaram, alegres ou não. Já em outros casos, essa lembrança nos parecia fragmentada, com momentos de lucidez e de posições contraditórias, como se fossem ofuscadas por razões que apenas a própria pessoa saberia, ou como se involuntariamente, ela não quisesse se lembrar.

Existe uma linha historiográfica que afirma que segundo a memória reconstrução, produzida por meio da história oral, o sentimento que emerge da lembrança de uma pessoa pode não ser completa, mas sim parcial e às vezes alterada. Essa linha se apóia nas idéias de Proust e de Freud, que buscam no inconsciente as razões para a fragmentação, resultante de uma vontade de lembrar das pessoas ou não, motivada por questões íntimas, ligadas ao emocional e psicológico.

Outra dimensão da memória entendida como uma prática social, porque vinculada aos grupos sociais, como afirma Raymond Williams,<sup>288</sup> também está ligada a uma “estrutura de sentimentos,” em que a noção do vivido, está ligada a desejos, sentimentos e expectativas. Tudo isso são práticas concretas que impulsionam os indivíduos às ações e mudanças sociais. Em decorrência, a memória está ligada também à ideologia e à hegemonia, porque ambas compõem um processo social, em que existem relações entre os indivíduos e nessas relações sempre estarão presentes dominantes e dominados, além de envolver diferentes dimensões do espaço social, sejam econômicas, políticas ou sociais. Todas essas questões interferem nas lembranças das pessoas, sejam elas fragmentadas ou não.

Essas relações sociais, são marcadas pela complexidade entre diferentes em um espaço hegemônico, porque elas são marcadas pelos distanciamentos e aproximações entre grupos e classes nos movimentos sociais, que ocorrem a todo instante, já que os processos sociais estão em constante movimento. Porém, como o hegemônico é uma construção e uma reconstrução em constante movimento, um processo social, por sua vez, não pode ser fracionado, pois ele é uma rede de relações marcada por interesses, narrativas diferentes, dominação e resistências, colaborações e questionamentos.

---

<sup>288</sup> WILLIAMS, Raymond. Hegemonia e Dominante, Residual e Emergente. In: **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 111-117 e 125-129.

Então, para Williams, a memória é uma prática social, pois ela não pode ser abstrata, porque os sujeitos sociais, são ao mesmo tempo individuais e coletivos. E isso significa pensar também as relações sociais, onde existem os conflitos e como isso interfere na questão da memória.

A memória vinculada a uma prática social aparece também na fala de Halbwachs<sup>289</sup> quando afirma que:

*Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de se admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social.*

Considerando as questões levantadas por Williams e por Halbwachs, nos depoimentos levantados sobre Whady Nassif, foram observados: em que momentos ocorreram essas fragmentações de memória, em que circunstâncias essas pessoas nos trouxeram suas lembranças e em que contextos elas viveram os acontecimentos relatados. Porque tudo isso tem uma ligação e essas ligações nos deram pistas para chegarmos próximos aos fatos, e como eles podem ter ocorrido.

No caso do prefeito Whady Nassif existiu uma série de conflitos sociais que envolveram grupos diferentes na disputa pelo poder, ou seja, pela hegemonia política do momento. No entanto, esses conflitos não ficaram visíveis, a não ser nos depoimentos orais de algumas pessoas e no artigo de jornal que noticiou a sua morte. As falas das pessoas sobre o período de gestão e as ações do administrador, aos poucos formaram um quadro que vislumbra um contexto específico da sociedade uberabense e que também nos ajudaram a entender certas situações sociais e políticas do momento.

Uma destas situações em que aparece a disputa pelo poder e o preconceito contra os políticos de origem imigrante libanesa, encontramos no depoimento de Samir.<sup>290</sup>

<sup>289</sup> HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Op. Cit., p. 51.

<sup>290</sup> Dr. Samir Cecílio, em entrevista concedida no dia 27/11/2001, em Uberaba - MG.

*Os candidatos da colônia são alvo de discriminação na política, especialmente na disputa ao cargo de prefeito de Uberaba.*

*O caso do Dr. Fahim Sawan, na última eleição, de 2000, foi uma demonstração das candidaturas inteligentes, que tem o objetivo de reduzir o número de candidatos e que sejam do grupo da elite, para continuar mantendo o “Feudo.”*

Esse posicionamento de Samir tem uma lógica porque analisando a origem de outros prefeitos que sucederam Whady Nassif, observamos que nenhum deles tem origem ou descendência de imigrantes libaneses. E o fato da elite tentar manipular as eleições para que chegue ao poder local somente quem ela deseja, segundo a fala de Samir, ficou visível quando nos anos 80 um descendente da colônia libanesa, Renê Barsan, se candidatou ao cargo de Prefeito. Na época os partidos ligados ao setor pecuário se uniram para evitar que ele fosse o vencedor. Ocorreu até uma panfletagem por toda a cidade, feita segundo comentários na época, pelo partido opositor ao de René, nos dias que antecederam à eleição, em um período em que os candidatos não podiam mais fazer comícios ou mesmo campanha nos meios de comunicação. Nos panfletos a população era alertada para que não votasse no candidato por ele ser proprietário da empresa de ônibus coletivo que tinha a concessão do transporte na cidade e que sua eleição iria fazer com que o serviço de ônibus piorasse e o usuário teria que pagar a tarifa que ele quisesse. Na época, essa panfletagem afetou diretamente a posição do candidato e sua credibilidade junto à população, já que ele tinha uma boa colocação nas pesquisas de opinião e estava muito cotado para ser o próximo prefeito. Ele acabou perdendo a eleição.

Depois dessa disputa eleitoral em que um candidato da colônia não se elegeu prefeito, veio outra candidatura, a do Dr. Samir Cecílio que também não foi eleito, mas que o pleito ocorreu de maneira normal. No entanto, a intervenção de alguns partidos nas eleições seguintes continuou.

Na eleição para prefeito em 2000, segundo o depoimento do próprio Dr. Samir Cecílio, nas prévias eleitorais dos partidos, o candidato a candidato Dr. Fahim Sawan foi pressionado pelos seus correligionários para que não saísse candidato, pois seu partido tinha outro nome em vista. O partido não levou em consideração que o seu nome já era comentado como o candidato natural, pois sua campanha já estava nas ruas, já que ele vinha desenvolvendo uma campanha há muito tempo, antes mesmo dela

começar oficialmente. Ele acabou saindo candidato a deputado estadual em 2002 e foi eleito um dos representantes de Uberaba na Assembléia Legislativa de Minas Gerais.

E novamente em 2004 quando o Dr. Fahim Sawan, se candidatou novamente ao cargo, em um partido considerado da situação, o PSDB, ele não teve o apoio de partidos significativos na cidade, mas mesmo assim disputou a eleição. A coligação que ganhou o pleito tinha conseguido o apoio de vários partidos que em outras campanhas eram rivais e o grande nome de oposição a ela era justamente o médico Fahim. E novamente a colônia não conseguiu eleger um representante para prefeito.

Verifica-se na cidade de Uberaba e no meio político uma rejeição não aparente aos representantes da colônia libanesa, que se manifesta em épocas eleitorais. Embora alguns consigam se eleger deputados estaduais, não mais se elegem prefeitos. Na última eleição, a de 2004, até mesmo setores pecuaristas apoiaram a campanha da coligação, mas não a do médico e deputado estadual Fahim.

Segundo Halbwachs,<sup>291</sup> o indivíduo evoca suas lembranças através dos quadros sociais de memória, que vêm à tona involuntariamente no cotidiano. E completa dizendo que é a percepção que chama a memória. Confirmando o autor algumas das entrevistas<sup>292</sup> que realizamos expressavam sensações ligadas a vivências do passado e a outros indivíduos, portanto, um grupo social ou mais vivenciaram momentos e compartilharam experiências que deram forma à memória coletiva.

E foi o que ocorreu durante os depoimentos das filhas de Whady, de sua sobrinha Dirce, das suas cunhadas Diva e Lúcia. Observamos que aparecem sensações boas nas entrevistas das filhas e da sobrinha; mas isso não ocorre na fala das cunhadas, uma das quais se refere a ele de maneira nostálgica enquanto a outra com certo ressentimento que ficou do fato dele não ter ajudado seu pai quando fora eleito.

Ao se lembrarem de alguns fatos as pessoas que fizeram parte do grupo trazem consigo lembranças não só do grupo, mas também individuais. Em outros aspectos

---

<sup>291</sup> HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Op. Cit. Cap. II.

<sup>292</sup> Foram realizadas algumas entrevistas com pessoas que conviveram com o ex-prefeito de Uberaba Whady José Nassif, bem como com pessoas que não conviveram diretamente com ele, mas que acompanharam sua administração.

podemos considerar que o fato de encontrarmos uma pessoa que fazia parte do grupo com o qual vivenciamos momentos marcantes no passado traz à tona lembranças de ações não realizadas em conjunto e de coisas que aconteceram conosco naquele momento e que pensávamos já ter esquecido. As lembranças ligadas aos grupos é que compõem os quadros sociais de memória, e neles temos tendências a reter o que foi bom e esquecer o que foi ruim.

Se a condição de lembrar está ligada ao fato de pertencermos a um determinado grupo, a memória tem também uma ligação com o esquecimento. E isso nos leva à questão de que nem tudo conseguimos lembrar, porque na verdade queremos esquecer algumas coisas, e lembrar, às vezes, pode ser doloroso; o nosso inconsciente luta para não lembrar, porque na verdade não deseja lembrar. O que mais uma vez nos leva a observar que as lembranças estão associadas aos sentimentos e sensações e a memória, por sua vez, depende do quadro social que existia e que se deseje trazer do passado.

Mas, afinal de contas, qual a relação que existe entre a História e a Memória? A história seria dinâmica, o vivido, o processo, o racional, reconhecida como verdade; enquanto a memória é a versão que se cria ou se criou a respeito de um determinado acontecimento ou momento histórico por determinados grupos ou personagens sociais, porque não tem compromisso com a verdade. Sob essa ótica buscamos entender o trabalho dos memorialistas de Uberaba<sup>293</sup> no seu próprio tempo, com seus valores e visões do período, e não com os valores e visões de hoje.

Os memorialistas da cidade parecem ter optado pelo estudo da origem da cidade e também se debruçaram em seus trabalhos sobre os feitos dos grandes personagens que se ligaram às grandes famílias tradicionais. Um exemplo disso é o trabalho de Hildebrando Pontes, em que ele valoriza a história local sob o ponto de vista do registro do passado, através da narração dos fatos históricos mais relevantes e cronológicos. Na sua narrativa ele não apresenta a fala de pessoas, do coletivo; por sua vez, não revela conflitos e nem adesões a determinados acontecimentos, faz uma história factual.

---

<sup>293</sup> Dentre essas leituras destacamos as obras dos memorialistas de Uberaba, como Hildebrando Pontes e José Mendonça, já citadas.

Os memorialistas também tinham outra visão da história. Para eles era importante registrar os fatos para que eles não fossem esquecidos. Mas os fatos que registraram foram apenas os que marcaram a ação dos pioneiros da origem da cidade, que por causa dos seus feitos mereciam lugar na memória oficial. Por outro lado, os memorialistas se limitaram também a trabalhar com períodos anteriores ao Estado Novo, embora suas obras tenham sido publicadas em décadas posteriores.

No entanto, Bosi,<sup>294</sup> afirma que:

*Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica “neutra”. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da História, e reafirmando sua posição ou matizando-a.*

Os memorialistas de Uberaba ao reconstruir a memória não negaram os fatos, valores ou acontecimentos, mas ressaltaram determinados fatos em detrimento de outros. Os jogos de memória compõem um dos elementos da história, mas a memória é também uma questão de movimento, onde se constrói uma determinada visão que se deseja, já a interpretação que você dá a essa memória é a história, ou seja, uma escolha de valores.

Na história da cidade de Uberaba parece existir uma interpretação que é levada em conta por grande parte da população, que é a dos memorialistas, que visa ressaltar apenas os feitos dos fundadores, não levando em consideração outros momentos vividos pela sociedade.

Vista por esse aspecto, Marilena Chauí em seu livro sobre o descobrimento, trabalha a questão da criação do mito fundador na memória brasileira, quando nos lembra que,

*... o poder político, isto é, o Estado, antecede a sociedade e tem sua origem fora dela, primeiro nos decretos divinos, e depois, pelos decretos do governante. Isso explica um dos componentes principais de nosso mito fundador, qual seja, a afirmação de que a história do Brasil foi e é feita sem sangue, pois todos os*

---

<sup>294</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editora/EDUSP, 1987, p. 12.

*acontecimentos políticos não parecem provir da sociedade e de suas lutas, mas diretamente do Estado, por decretos...*

*Desta maneira, o mito fundador opera de modo socialmente diferenciado:*

*1) do lado dos dominantes, opera com a visão de seu direito natural ao poder e na legitimação desse pretenso direito natural ao poder por meio do ufanismo nacionalista e desenvolvimentista, expressões laicizadas do Paraíso Terrestre e da teologia da história providencialista, assegurando a imagem do Brasil como comunidade una e indivisa, ordeira e pacífica, rumando para seu futuro certo, pois escolhido por Deus;*

*2) do lado dos dominados, se realiza pela via profético-milenarista, que produz dois efeitos principais: a visão do governante como salvador e a sacralização-satanização da política. Em outras palavras, uma visão da política que possui como parâmetro o núcleo profético-milenarista do embate final, cósmico, entre luz e treva, bem e mal, de sorte que o governante ou é sacralizado (luz e bem) ou satanizado (trev e mal).*

*É evidente, portanto, que o mito fundador opera com uma contradição insolúvel: o país-jardim é sem violência e, pela história providencialista, ruma certo para seu grande futuro; em contrapartida, o país profético está mergulhado na injustiça, na violência e no inferno, à procura de seu próprio porvir, na batalha final em que vencerá o Anticristo.<sup>295</sup>*

Levando em conta o que nos fala Chauí, neste trecho, e como trabalhamos com a relação poder – Estado – relações políticas e sociais na era Vargas, verificamos que o que foi encontrado em nossas observações das fontes orais e documentais, nos levaram a perceber que o que ficou na memória da cidade de Uberaba do período da gestão do ex-prefeito Whady José Nassif, é muito contraditório. Os depoimentos orais nos permitem observar que ocorreu uma relação tensa entre o ex-prefeito e grupos dominantes da sociedade uberabense; mas os documentos oficiais e os artigos de jornais da época, nos dão uma visão diferente, de que a relação entre ele e a sociedade era boa, e que seus atos eram aceitos e até elogiados.

### 3.3. A memória presente nos jornais e nos depoimentos

Os jornais de Uberaba, em especial o *Lavoura e Comércio*, revelaram-se “*riquíssimos de informações, permitindo traçar um panorama mais completo e mais concreto da sociedade.*”<sup>296</sup>

Permitiram, juntamente com os depoimentos e os demais documentos encontrados, uma visão múltipla da gestão de Whady Nassif. Ela foi tranqüila e

<sup>295</sup> CHAUI, Marilena. Brasil – o mito fundador. In: Caderno Mais **Folha de S. Paulo**. 26/03/2000, p. 11.

<sup>296</sup> GRANJEIRO, Cândido Domingues. **As Artes de um Negócio: A Febre Photographica** – São Paulo: 1862-1886. FAPESP: Mercado de Letras. 2000, p. 11-24.

progressista, ao mesmo tempo tensa e conflituosa, e até mesmo indiferente para os que o consideravam um mero prefeito interventor.

Nesse aspecto observamos que existe uma diferença entre a memória particular das pessoas, dos grupos sociais e a memória-historicizada, a que ficou nos documentos escritos, nos livros e nos discursos dos grupos dominantes, que defendem outras posições, de acordo com seus interesses.

Nas leituras e discussões sobre a memória, um aspecto nos chamou a atenção, a memória dos ressentimentos levantadas por Ansart,<sup>297</sup> quando fala sobre o “*dever de memória*”, que nos leva à memória dos fatos, das provas e sofrimentos suportados, que são exortados a não serem esquecidos. Que também está presente em alguns depoimentos. Como, por exemplo, na fala de Mariana Nabut,<sup>298</sup> quando afirma que a saída de Whady Nassif da prefeitura teria sido porque *ele foi discriminado por ser descendente de libaneses*. Esse ressentimento aparece também quando Lúcia Regina<sup>299</sup> diz que seu pai *foi perseguido, ameaçado, e até um empregado seu foi baleado por inimigos políticos*, que queriam, segundo ela matar o prefeito, mas acabaram acertando na pessoa errada.

Aspecto que pudemos também constatar em nossas entrevistas, presente na memória trazida pelas pessoas com as quais conversamos, entre elas Mariana e Lúcia Regina, porque Ansart<sup>300</sup> nos diz que a memória dos ressentimentos é diferente,

*... e que podemos dividir em várias interrogações: que memória conserva o indivíduo de seus próprios ressentimentos? Por outro lado, que memória conserva dos ressentimentos daquele de quem foi vítima? Que memória conserva um grupo de seus próprios ressentimentos e dos ressentimentos dos inimigos dos quais foi vítima?...*

*Penso que podemos distinguir quatro atitudes possíveis que atravessam ao mesmo tempo a memória individual e as memórias coletivas, que poderíamos assim formular: a tentação do esquecimento, a tentação da repetição, a tentação da revisão e, enfim, a tentação da reiteração, da exasperação da memória dos ressentimentos.*

<sup>297</sup> ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. Tradução: Jacy Alves de Seixas. In: BRESCIANI, Stella, E, NAXARA, Márcia (Orgs.) **Memória e (Res) sentimento**: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001, p. 30.

<sup>298</sup> Depoimento de Mariana Nabut, no dia 01/12/2001, em Uberaba – MG.

<sup>299</sup> Depoimento de Lúcia Regina Nassif Zouein, no dia 25/08/2000, em Uberaba – MG.

<sup>300</sup> ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. Op. Cit., p. 30.

Ansart<sup>301</sup> também nos fez entender um pouco mais do que já tinha sido visto nas entrevistas já realizadas, mas nos lembrou que temos que levar em consideração essa questão do dever de memória. E até que ponto o que tentamos relembrar ou reconstruir como memória é importante para entendermos como se deram as relações sociais nas décadas de 1930 e 1940, e que afetaram ou influenciaram as ações ou reações do ex-prefeito de Uberaba e o que ficou na memória das pessoas e da sociedade sobre esse momento que estamos tentando entender ou trazer à tona.

Os depoimentos deixam claro que as relações sociais no período da administração de Whady Nassif eram conflituosas, marcadas pela disputa pelo poder por grupos economicamente fortes, mas que se sentiam cerceados em suas ações por estarem vivendo em uma ditadura. E como Whady Nassif era o representante dessa ditadura, à qual deviam negociar sua atuação política, e que a cada mudança administrativa ou física na estrutura da cidade deixada a marca dessa nova forma de governar, eles se ressentiram e se voltaram contra a atuação e a figura do Prefeito. Com isso passaram a lhe fazer uma oposição ferrenha e que resultou no pedido de exoneração do Prefeito.

Outro aspecto da memória que se criou do prefeito Whady Nassif, pode ser observado analisando os jornais locais, o *Lavoura e Comércio* e *O Correio Católico*; e alguns de outras cidades, como *A Tribuna* e *O Triângulo*. Nas diversas reportagens encontradas e que falam sobre sua administração, a imagem do prefeito é a de um homem empreendedor, de visão, capaz de realizar coisas que outros não conseguiram. No entanto, os depoimentos orais confirmam estes aspectos de sua personalidade e outros não.

Entre os depoimentos que reforçam a imagem empreendedora está o de Wagner do Nascimento, ex-prefeito, em que ressalta que *sua administração foi marcante na história de Uberaba*. O de Antônio Corrêa, empresário aposentado, que o considerava *um homem progressista*. E o de Dirce, sobrinha de Whady, que afirma que ele fez *mudanças significativas e que demonstram como sua administração foi voltada para o*

---

<sup>301</sup> ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. Op. Cit.

*desenvolvimento da cidade*. E contrapondo essa imagem está o de Lúcia de Oliveira, sua cunhada, que o chama de *intransigente e fechado*.

Mas como nos lembra Maciel,<sup>302</sup>

*.. é preciso refletir sobre nossos procedimentos e os modos como lidamos com a imprensa em nossa prática de pesquisa para não tomá-la como um espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática social constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais. Como expressão de relações sociais, a imprensa assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais que se opõem em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articula segundo a ótica e a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representa.*

Porém, se olharmos as várias reportagens encontradas no Jornal Lavoura e Comércio, que eram publicadas ao final de cada ano e que faziam um balanço administrativo de seu governo, e cujo teor eram de elogios à sua administração; entendemos que elas nos ajudam a construir uma memória jornalística do período. Essa memória é marcada como sendo a de um momento de progresso e de mudanças benéficas para a cidade. Mas, podemos nos perguntar a que interesses se ligavam esses jornais e em que circunstâncias essas reportagens foram publicadas? Eles podem ter apoiado a administração do prefeito porque temiam uma ação repressora do DIP, já que este fiscalizava bem de perto os meios de comunicação, em especial os jornais. Mas, também, como foi o caso do Lavoura e Comércio, o apoio ao prefeito ocorreu porque o jornal era o veículo de comunicação do setor comercial, setor este que Whady representava quando foi eleito.

No entanto, o Correio Católico, como veículo de comunicação da Igreja na cidade, ora elogia a administração e em outros momentos critica. Isso pode ser exemplificado quando verificamos que anterior ao problema do desentendimento entre o prefeito e o arcebispo D. Alexandre, por causa da implantação das aulas de educação física nas escolas e da doação do terreno pela prefeitura para a construção da praça de esportes, o jornal traz muitas reportagens em que elogia a administração. Mas, quando

---

<sup>302</sup> MACIEL, Laura Antunes. Produzindo Notícias e Histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004, p.15.

ocorrem os desentendimentos entre o arcebispo e o prefeito, o discurso muda e podemos encontrar reportagens com tom mais duro. Mas no jornal *Lavoura e Comércio* o discurso é um só, de apoio, do início da administração até a saída do prefeito.

As reportagens dos jornais revelaram-se fontes históricas com mais dados do que os documentos oficiais que sobreviveram ao tempo, pois até os anos 80 do século XX, não havia a preocupação de preservar a documentação oficial da prefeitura. Em decorrência, muitos livros de atas se perderam e restam poucos livros referentes à administração do período pesquisado.

Porém, sempre lembrando Maciel, devemos analisar as condições reais em que foram elaboradas as reportagens que tantos elogios fizeram à administração do prefeito Whady Nassif. Certamente, na disputa de poder entre o prefeito e os coronéis, os artigos teriam sido uma forma de oposição dos outros grupos que combatiam os desmandos dos donos do poder econômico, através do apoio ao prefeito.

*O esforço, a análise histórica passa, portanto, pelo desvendamento dos mecanismos e operações que, na conjuntura estudada, permitem ao texto jornalístico construir uma memória social hegemônica que “aprisiona” a explicação do presente a partir de seus argumentos e interpretações, obscurecendo a correlação de forças sociais nas quais esse texto é forjado.*<sup>303</sup>

E, assim como os jornais são fontes importantes para o estudo desse momento da história da cidade de Uberaba, também o são as fotografias. Como afirma Samuel,<sup>304</sup>

*...fotografias são textos e que são parte de uma construção de memórias e como textos que são, devem ser analisadas com muito cuidado, para que possamos perceber o que elas têm a nos dizer e como são também parte da memória. O poder dessas figuras é o contrário do que elas parecem. Podemos pensar que nos encaminhamos a elas, em busca do conhecimento do passado, mas é o conhecimento que nos leva a elas que as faz historicamente significativas, transformando uma oportunidade residual maior ou menor do passado em um precioso ícone.*

<sup>303</sup> MACIEL, Laura Antunes. **Produzindo Notícias e Histórias**: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa. Op. Cit., p. 39.

<sup>304</sup> SAMUEL, Raphael. Teatros de Memória. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: EDUC. Nº 14, 1997, p. 41-81.

Analisando as fotografias deixadas pelo prefeito percebemos que obedecem a uma ordem seqüencial, que nos revela algo importante: o seu organizador teve a preocupação de guardar os momentos que foram bastante significativos para ele e, que na verdade, compõem uma memória pessoal. Uma memória, que ele talvez desejasse que fosse a que as pessoas tivessem dele e da sua administração.

As imagens demonstram, na verdade, uma sociedade em transformação, em que as mudanças nem sempre atingem a todos. Percebe-se que o Prefeito, ao selecionar os momentos de sua administração e preservá-los, deve ter tido o propósito de mostrar que naquele momento a cidade passava por transformações muito importantes, pelas quais ele era responsável.

O álbum fotográfico do Prefeito expressa uma noção de memória, que é fruto de uma seleção feita por ele e reflete o que gostaria que não fosse esquecido. Como a abertura das avenidas, a canalização da água, a implantação da rede de esgotos, a construção da usina de força de Pai Joaquim, entre outras obras que ele registrou através de fotografias e que fazem parte do álbum.

Por outro lado essas imagens, segundo Kossoy:<sup>305</sup>

*A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada,  
Toda fotografia tem uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos: uma intenção para que ela existisse, o ato do registro que lhe deu origem, e os caminhos que ela percorreu (os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que as guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram).  
Toda fotografia é um resíduo do passado, ela nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos de sua origem, e o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele registro fragmento de espaço/tempo retratado.  
Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social.*

Ao organizar o seu álbum de fotografias o prefeito Whady Nassif não apenas deixou registradas as obras realizadas na cidade durante a sua administração, como também organizou parte de sua memória pessoal. O álbum fotográfico do Prefeito

<sup>305</sup> KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989, p. 15-102.

indica que houve um momento diferente da cidade, marcado por mudanças concretas na estrutura física que marcaram pessoas e grupos. Se as gerações posteriores a desconhecem, o álbum está aí para atestá-las. Portanto, na perspectiva do Prefeito, a cidade mudou com a sua administração, mesmo que tenha se perdido na lembrança das gerações que o sucederam.

O álbum ficou guardado com outros documentos pessoais durante muito tempo. Enquanto isso Whady Nassif atuou como deputado estadual e trabalhou como procurador na Justiça do Trabalho. Depois de sua morte ele passou para as mãos de uma de suas filhas e ficou esquecido, embora tenha sido guardado como uma lembrança pessoal. Somente durante as entrevistas foi que a filha se lembrou dele e foi possível verificar o que ele continha. Nesse momento o álbum mostrou todas as transformações pelas quais a cidade tinha passado durante a administração do Prefeito. Em cada foto e cada referência e anotação feita por Whady Nassif se descortinava um fato inusitado e uma realidade que não era conhecida. Nele estão fotos da cidade que até mesmo o Arquivo Público não possui em seu acervo e que são imagens raras desse período.

Quanto à memória presente nos depoimentos concluímos que são diferenciadas, algumas marcadas por visões positivas do prefeito, outras nem tanto, mas todas com um valor significativo para o resgate do momento histórico . Porque segundo Lang:<sup>306</sup>

*O relato de uma vida, de parte de uma vida, ou mesmo o depoimento sobre um fato, não significam tão somente a perspectiva do indivíduo, pois esta é informada pelo grupo desde os primórdios do processo de socialização. A versão do indivíduo tem portanto um conteúdo marcado pelo coletivo, ao lado certamente de aspectos decorrentes de peculiaridades individuais.*

Isso se explica pelo fato da memória individual estar ligada à memória coletiva, pois segundo Halbwachs:<sup>307</sup>

*... nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos*

<sup>306</sup> LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.) **(Re) introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996, p. 45.

<sup>307</sup> HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Op. Cit., p. 26.

*envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós.*

Daí surgirem lembranças (memórias) de Whady Nassif diferenciadas, mesmo quando se tratam de posicionamentos de elementos da colônia, como foi o caso da fala da senhora Mariana, que elogia sua administração e enfatiza que ele saiu da prefeitura porque sofria discriminação por ser descendente de libaneses. Por outro lado, sua cunhada Lucia Oliveira, demonstra um ressentimento pelo fato dele não ter feito mais por seu pai que o havia apoiado politicamente. Lucia como membro da família guarda um sentimento diferente de Mariana que era da colônia.

Essa diferenciação que marca as lembranças e os depoimentos de Mariana e Lucia é explicada por Halbwachs:<sup>308</sup>

*... se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles.*

As relações entre os grupos e no caso, entre o prefeito e os elementos da colônia eram muito boas, mas com os membros da família foram marcadas por problemas que também não foram elucidados, mas que existiram, como em todo grupo familiar.

Whady Nassif, para os jornais foi um grande administrador; para as pessoas que o conheceram um homem de muitas faces, às vezes contraditórias: culto, cristão, progressista, intransigente, pai amoroso, honesto e de sentimentos cívicos, excludente.

---

<sup>308</sup> HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Op. Cit, p. 51.

## Considerações Finais

Ao analisar a trajetória de ex-prefeito, Whady José Nassif, dando ênfase a um aspecto da história política da cidade de Uberaba, chegamos à conclusão de que ainda existem lacunas que não puderam ser elucidadas com esta pesquisa. Um aspecto da investigação que não foi esclarecido diz respeito aos motivos que levaram o ex-prefeito, após seis anos à frente da administração municipal, ter pedido a exoneração do cargo, que fez de maneira pública, ou seja, da mesma forma como chegou ao cargo.

Outro aspecto da pesquisa que não foi conclusivo se refere ao anunciado preconceito contra os descendentes de imigrantes do Oriente Médio. Whady José Nassif teria sido mesmo alvo de perseguição e preconceito durante sua gestão? Informações sobre essa questão somente apareceram em um artigo de jornal e nos depoimentos de uma descendente de imigrantes libaneses e de uma das filhas do ex-prefeito.

Uma outra questão que fica pendente diz respeito ao apoio que o jornal Lavoura e Comércio prestou a sua administração. Esse apoio teria sido resultado de uma identificação de seus proprietários com a proposta político-administrativa de Nassif, ou seria uma postura adotada para cumprir as determinações do regime político e não se indispor com o Departamento de Imprensa e Propaganda do governo Vargas?

As lacunas permitem que se busquem desenvolver mais pesquisas acerca do período. Acreditamos, porém, que neste trabalho conseguimos desvendar um pouco sobre o período da história da cidade de Uberaba, que até o momento tinha despertado pouco interesse nas pessoas e nos historiadores.

Lembrando Bloch,<sup>309</sup>

*A ciência decompõe o real apenas a fim de melhor observá-lo, graças a um jogo de fogos cruzados cujos raios constantemente se combinam e interpenetram.*

*Mas as dificuldades da história são também de uma outra essência. Pois, em última instância, ela tem como matéria precisamente consciências humanas. As*

---

<sup>309</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 131-132.

*relações estabelecidas através destas, as contaminações, até mesmo as confusões da qual são terreno constituem, a seus olhos, a própria realidade.*

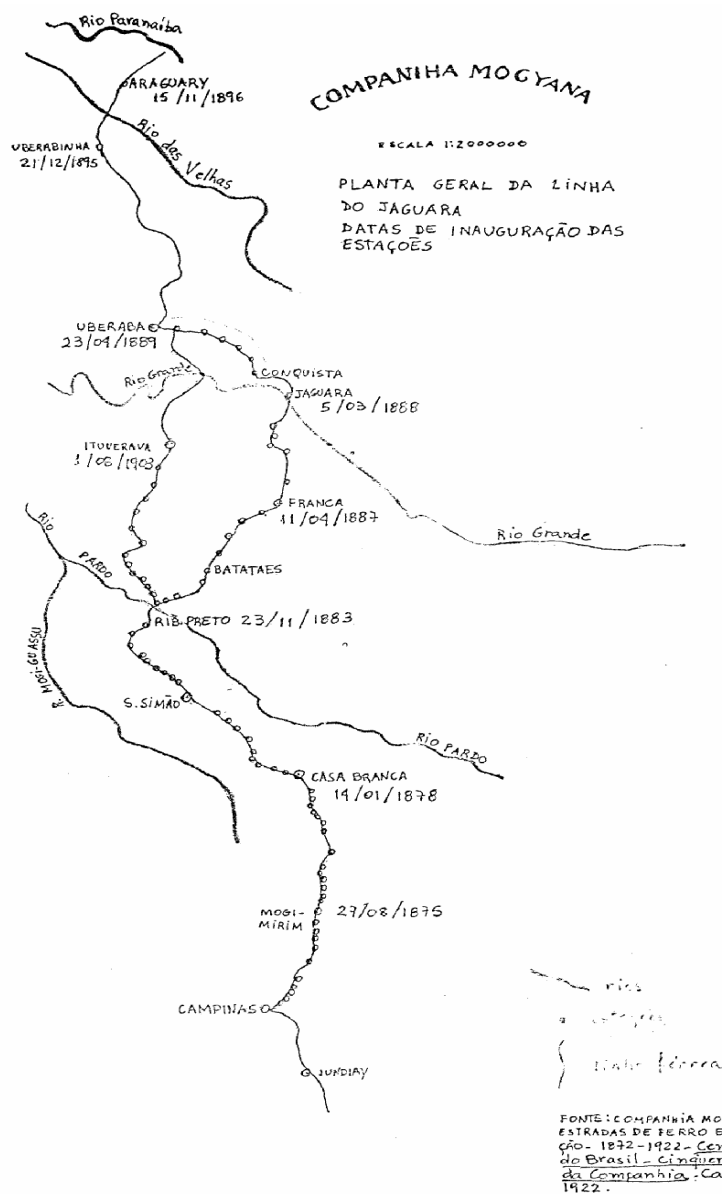
Verificamos que a administração de Whady José Nassif marcou um momento diferente na história de Uberaba, no qual ocorreram mudanças que alteraram o aspecto urbanístico da cidade e deram um impulso a sua economia. Sem contar que foi durante este período que a cidade se projetou no cenário econômico regional e nacional como Capital do Zebu. Essas mudanças afetaram significativamente a sociedade, a economia e a política locais, o que deve ser considerado pela história.

## Lista de Fotografias

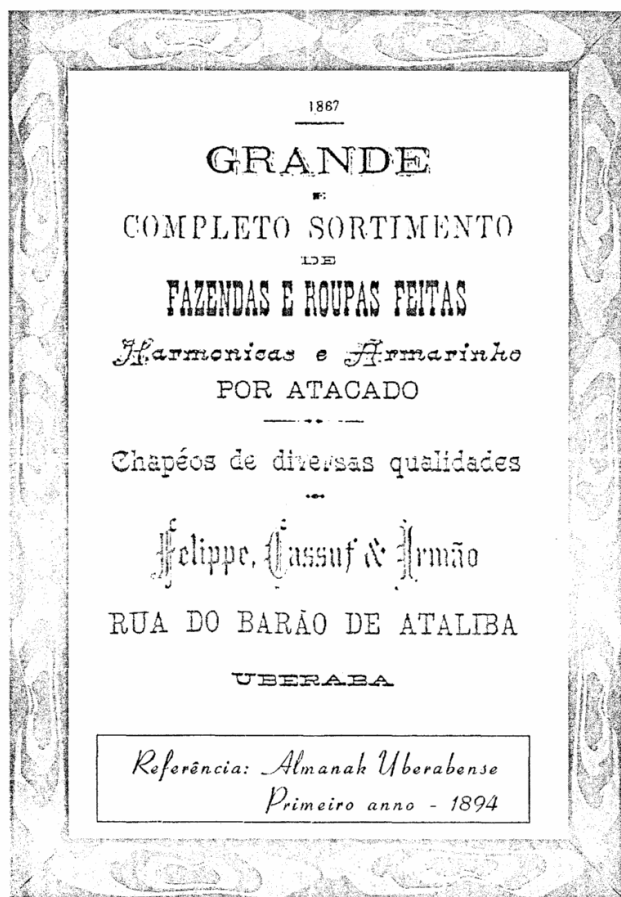
|                                                                                                                                      |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1. Mapa do Líbano.....                                                                                                        | 28 |
| Figura 2. Desembarque de imigrantes no Porto de Santos.....                                                                          | 30 |
| Figura 3. Estação da Mogiana em Uberaba onde desembarcaram muitos imigrantes...                                                      | 30 |
| Figura 4. Colação de Grau em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro.....                                                        | 41 |
| Figura 5. Prefeitura Municipal de Uberaba, eleição do prefeito Whady José Nassif em 23 de julho de 1937.....                         | 54 |
| Figura 6. Instalação da rede de esgoto sanitário na Rua Arthur Machado, 1942.....                                                    | 72 |
| Figura 7. Construção da casa das bombas, para bombear água para a cidade de Uberaba, às margens do Rio Uberaba, 1940.....            | 73 |
| Figura 8. Instalação da rede de água encanada na Praça Rui Barbosa em 1942.....                                                      | 75 |
| Figura 9. Prédios desapropriados no centro da cidade, para prosseguimento da Av. Leopoldino de Oliveira.....                         | 77 |
| Figura 10. Av. Leopoldino de Oliveira anos 50. Já com canalização do Córrego das Lages concluído.....                                | 78 |
| Figura 11. Praça Rui Barbosa anos 30 com as majestosas palmeiras.....                                                                | 79 |
| Figura 12. Praça Rui Barbosa anos 40 sem as palmeiras.....                                                                           | 79 |
| Figura 13. Instalações do serviço de força e luz de Uberaba, em fase de conclusão, Cachoeira Pai Joaquim, Rio Araguari, 1939. ....   | 80 |
| Figura 14. Praça de Esportes de Uberaba (atual Uberaba Tênis Clube) em construção, abril de 1941.....                                | 88 |
| Figura 15. Entrada do Parque Fernando Costa, construído em estilo colonial meses antes da inauguração em 1941.....                   | 95 |
| Figura 16. Baile no Jockey Clube de Uberaba onde compareceram autoridades governamentais incluindo Getúlio Vargas, maio de 1941..... | 96 |
| Figura 17. Construção de aterro em trecho da estrada entre Uberaba e Conceição das Alagoas, 1942.....                                | 96 |
| Figura 18. Reportagem do Lavoura e Comércio onde foi feito um balanço da administração do prefeito no ano de 1941.....               | 98 |
| Figura 19. Atividades comemorativas alusivas ao aniversário de Getúlio Vargas na Praça Rui Barbosa em Uberaba, 1941.....             | 99 |

|                                                                                                              |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 20. Getúlio Vargas em almoço com demais autoridades na Fazenda Modelo em Uberaba em maio de 1942..... | 100 |
| Figura 21. Anúncio da inauguração do Cassino em maio de 1941.....                                            | 105 |

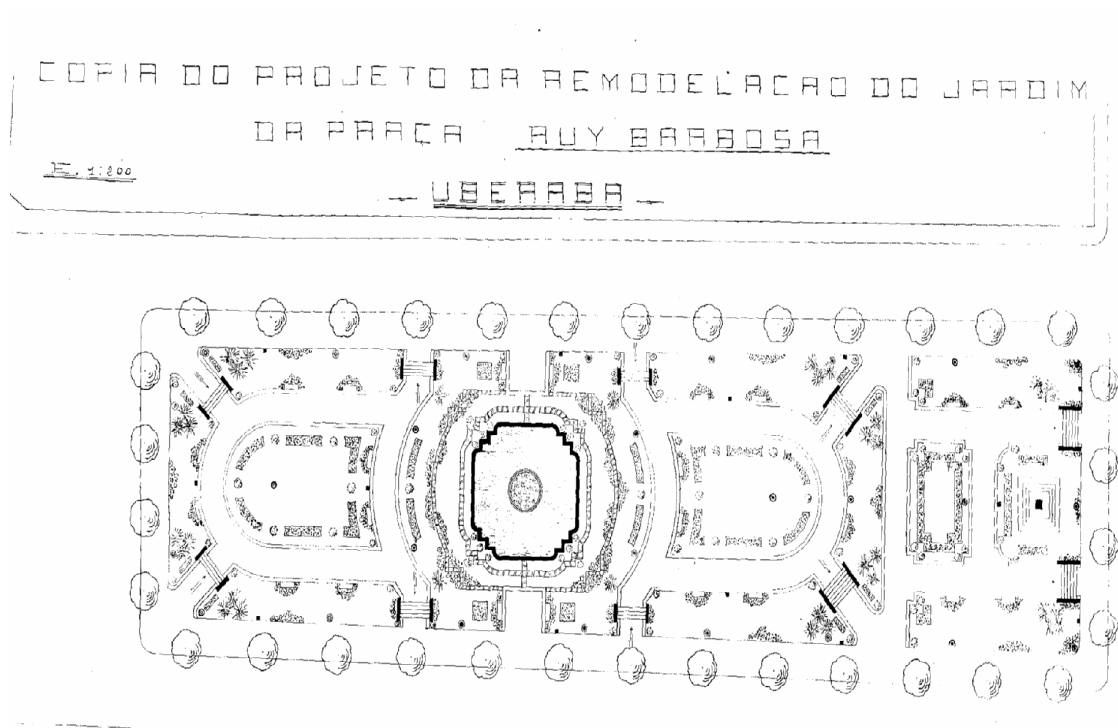
## Anexos



Anexo I – Mapa da linha férrea da Mogiana de Campinas a Uberaba. Referência: Mogiana: Os Trilhos da Modernidade p.15.



Anexo II – Convite da Festa das Mil e Uma Noites promovida pelo Clube Sírio Libanês em 1996. Referência: Acervo particular do Sr. Rauf Cecílio.



Anexo III – Cópia do projeto da prefeitura de Uberaba para a Praça Rui Barbosa, remodelação, 1938. Referência: Acervo da família Nassif.

## **Fontes**

### **Jornais**

- Jornal Correio Católico (Uberaba) 1937/1943 – Números esparsos.
- Jornal Lavoura e Comércio (Uberaba) 1937/1943 e 1984 – Em seqüência.
- Jornal O Para-Fuso (Uberaba) 1938 – Números esparsos.
- Jornal A Tribuna (Uberlândia) 1937/1943 – Números esparsos.
- Jornal O Triângulo (Araguari) 1937/1943 – Números esparsos.
- Jornal Revelação da Universidade de Uberaba (Uberaba) 2000 – Números esparsos.

### **Poder Público Local**

- Livros de Leis Municipais da Prefeitura Municipal de Uberaba.
- Livros de Decretos Municipais da Prefeitura Municipal de Uberaba.
- Livros de Projetos de Leis da Câmara Municipal de Uberaba.
- Livros de Atas da Câmara Municipal de Uberaba.

### **Arquivos**

- Arquivo Público Municipal de Uberaba.
- Arquivo da Ordem dos Advogados do Brasil – subsede de Uberaba.
- Arquivo da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, Centro de Atendimento ao Cidadão. Gerência-Geral de Documentação e Informação.
- Arquivo particular do Jornal Lavoura e Comércio de Uberaba.
- Arquivo do Colégio Marista Diocesano.
- Arquivo da Casa da Cultura do Município de Conceição das Alagoas.
- Arquivo da Câmara Municipal de Conceição das Alagoas.
- Arquivo do Centro de Documentação de História da Universidade Federal de Uberlândia.
- Arquivo do Setor de Obras Raras da Biblioteca da Universidade de Uberaba.

### Cartórios

- Cartório de Registro Civil de Uberaba.
- Cartório de Registro Civil de Conceição das Alagoas.

### Teses

- FERREIRA, Eliza Bartolozzi, E, ALMADA, Márcia. **Mogiana: Os Trilhos da Modernidade**. CNPQ, Fundação Cultural e Prefeitura Municipal de Uberaba, 1989.
- FERREIRA NETO, Maria Cristina Nunes. **Memória, política e negócios: a trajetória de Theophilo Benedicto Ottoni**. Tese de Doutorado. UNICAMP. 2002.
- FONTOURA, Sonia Maria. **Invenção do Inimigo: Racismo e Xenofobia em Uberaba (1890-1942)**. Tese de Mestrado. Franca. UNESP. 2001.
- GASSANI, Nadime de Menezes Andraus. **Os Cedros do Cerrado: uma história da Imigração Sírio-Libanesa em Uberlândia**. UFU. 2001.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Sobre Campo e Cidade: olhar, sensibilidade e imaginário – em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX**. Tese de Doutorado. UNICAMP. 1999.
- RICCIOPPO, Thiago. **Caminhando pelo Pântano Sagrado: Imaginário, conflitos políticos e religiosos em Uberaba/MG por meio da análise da obra de Orlando Ferreira (1912-1948)**. Franca. UNESP. 2003.
- SILVA, Heladir Josefina Saraiva e. **Representação e Vestígio da (Des) vinculação do Triângulo Mineiro: um estudo da Imigração Italiana em Uberaba, Sacramento e Conquista (1890-1920)**. Tese de Mestrado. Franca. UNESP. 1998.
- SILVA, Luzia Maria de Oliveira E, OLIVEIRA, Sérgio Gomes. **A Presença Árabe em Uberaba**. Uberaba. Universidade de Uberaba. 1997.

### Revistas

- **Revista do Arquivo Público de Uberaba.** Uberaba na Segunda Guerra Mundial. Série Documento e História. Ano III. Nº 2. Outubro/1995.
- **Revista Brasileira de História.** São Paulo: ANPUH, Vol. 16, nº 31 e 32. 1996
- **Revista de História da Biblioteca Nacional.** Rio de Janeiro, Ano 1, Nº 2. Agosto/2005.
- **Revista Projeto História.** São Paulo: EDUC, Nº 14.
- **Revista Comemorativa dos 120 anos do Colégio Nossa Senhora das Dores.** Uberaba, Outubro/2005.
- **Revista SINAPSE/SINOPSE.** Publicação dos Cursos de Licenciatura da Universidade de Uberaba. Uberaba/MG, dez/1997.
- VARRELA, Flávia. Artigo. Patrícios – Dinheiro, Diploma e Voto: a saga da Imigração Árabe. In: **Veja**, Edição 1669, ano 33, nº 40, 04/10/2000, p. 122-129.

### Artigos

- NABUT, Jorge Alberto. Memorial Mojiana. Publicação do **Jornal da Manhã**, Uberaba, 1984.
- PRATA, Arnaldo Rosa. A Mogiana em Uberaba. Publicação do **Jornal Correio Católico**, Uberaba, 1960.

### Fontes Orais

- Maria Noronha Nassif, data: 06/12/1999.

### Entrevistas

- Antônio Corrêa de Paiva, Uberaba, data: 25/07/2002.
- Antonio de Oliveira Souza, Conceição das Alagoas, data: 08/09/2000.
- Anselmo Carille, Uberaba, data: 04/02/1999.
- Derval Carille, Uberaba, data: 04/02/1999.
- Dirce Nassif Miziara, Uberaba, data: 25/08/2000.
- Diva de Oliveira Nassif, Uberaba, data: 10/08/2002.

- Jorge Alberto Nabut, Uberaba, data: 01/12/2001.
- Lucia de Oliveira Souza, Uberaba, datas: 25/08/2000, 24/07/2002.
- Lúcia Regina Nassif Zouein, Uberaba, data: 04/12/2001.
- Manoel Faustino de Oliveira, Uberaba, data: 27/08/2000.
- Mariana Abdanur Nabut, Uberaba, data: 01/12/2001.
- Samir Cecílio, Uberaba, data: 27/11/2001.
- Sebastião Bernardino da Silveira, Uberaba, data: 30/07/2003.
- Wagner do Nascimento, Uberaba, data: 13/01/2005.

### **Literatura Local**

BACCELLI, Carlos A. **O Espiritismo em Uberaba**. Fundação Cultural de Uberaba, 1987.

BILHARINHO, José Soares. **História da Medicina em Uberaba**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1983.

COUTINHO, Pedro dos Reis. **História dos Irmãos Maristas em Uberaba**. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba; Belo Horizonte: Centro de Estudos Maristas, 2000.

FERREIRA, Orlando. **Terra Madrasta - Um povo infeliz**. Uberaba: O Triângulo, 1928.

\_\_\_\_\_ **O Pântano Sagrado**. Uberaba: A Flama, 1948.

\_\_\_\_\_ **Pela Verdade: Catolicismo X Espiritismo**. Uberaba: O Triângulo, 1919.

LOPES, Maria Antonieta Borges, E, RESENDE, Eliane Mendonça Marquez de. **ABCZ: história e histórias**. 2 ed, São Paulo: Comdesenho Estúdio e Editora, 2001.

\_\_\_\_\_ **“ABCZ, 50 Anos de História e Estórias”**. Uberaba: Edição ABCZ, 1984.

MENDONÇA, José. **História de Uberaba**. Academia de Letras do Triângulo Mineiro. Uberaba: Editora Vitória, 1974.

NABUT, Jorge Alberto. **Fragmentos Árabes: Dores de Santa Juliana e Uberaba – Memórias do Século XX.** Uberaba: Instituto Triangulino de Cultura, 2001.

PONTES, Hildebrando. **História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central.** 2 ed, Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978.

REZENDE, Eliane Mendonça Marquez de. **1811-1910 – Uberaba – Uma Trajetória Sócio-Econômica.** Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1991.

SAMPAIO, Antonio Borges. **Uberaba: História, Fatos e Homens.** Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1971.

## Bibliografia

ALENCAR, Francisco. **História da Sociedade Brasileira**/ Francisco Alencar, Lúcia Capri Ramalho, Marcus Venicio Toledo. 14 ed. Revista e Atualizada. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1996.

AMADO, Janaína, E, FERREIRA, Marieta de Moraes, coordenadoras. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ANSART, Pierre. Os Imaginários Sociais. In: **Ideologias, Conflitos e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar.

\_\_\_\_\_. História e Memória dos Ressentimentos. Trad. Jacy Alves de Seixas. In: BRESCIANI, Stella, E, NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (Res) sentimento: Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

BERTONHA, João Fábio. **Fascismo, nazismo, integralismo**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2000.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

\_\_\_\_\_. **Uma introdução à História**. 2 ed. Lisboa: Publicações Europa – América, 1974.

BONAVIDES, Paulo. **História Constitucional do Brasil**./Paulo Bonavides e Paes de Andrade. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editora, EDUSP, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: DIFEL. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CALVO, Célia Rocha. Cultura e Cidade: Uberlândia, Espaços, Memórias e Vivências. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosangela (Orgs). **Histórias e Historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia: Edufu, 2003.

CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em Cena** – Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo. Campinas: Papirus, 1998.

\_\_\_\_\_. Propaganda Política e Construção da Identidade Nacional Coletiva. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, Vol. 16, nº 31 e 32, 1996.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Racismo na História do Brasil** – Mito e Realidade. 8 ed. São Paulo: Ática, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem: a elite Política Imperial; Teatro de Sombras: a política imperial**. 2 ed. Revista. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Relume-Dumará, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pontos e bordados: escritos de história e política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CHARTIER, Roger. **História Cultural. Entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.

CHAUÍ, Marilena. Brasil – o mito fundador. **Caderno Mais da Folha de S. Paulo**. 26/03/2000.

DUROZOI, Gerard. **Dicionário de Filosofia/ Gerard Durozoi e ROUSSEL, André**. Campinas. São Paulo: Papirus, 1993.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.

\_\_\_\_\_. **Negócios e Ócios** – Histórias da Imigração. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

FONTANA, Josep. Reflexões sobre a história, do além do fim da história. In: **História: Análise do Passado e Projeto Social**. Bauru. São Paulo: EDUSC, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 5 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_ **As Palavras e as Coisas**. 9 ed. Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_ **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**: aspectos da formação social brasileira como processo do amalgamento de raças e culturas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

GRANJEIRO, Cândido Domingues. **As Artes de um Negócio**: A Febre Photographica – São Paulo. 1862-1886. FAPESP: Mercado de Letras, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra Filosofia, 2000.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000.

HOURANI, Albert Habib. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

KHATLB, Roberto. **Brasil – Líbano**: amizade que desafia a distância. Bauru. São Paulo: EDUSC, 1999.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.) **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

LEAL, Vítor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1978.

LE GOFF, Jacques. A História política continua a ser a espinha dorsal da história? In: **O Imaginário Medieval**. Editorial Estampa, 1994.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. 2 ed. Campinas. São Paulo: Papirus, 1986.

LEVI, Primo. **Os Afogados e os Sobreviventes**. Quarenta anos depois de Auschwitz. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. Texto: O Respeito a Si Mesmo: Humilhação e Insubmissão. Uberlândia: UFU, Nephispo.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo Notícias e Histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004.

MARQUES, Braz José. **De Garimpo a Conceição das Alagoas**. 1 ed. Casa da Cultura de Conceição das Alagoas, 1990.

MARTINEZ, Paulo. **A Teoria das Elites**. São Paulo: Scipione, 1997

NETO, Regina Beatriz Guimarães. Artes da Memória, Fontes Oraís e Relato Histórico. In: **História e Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, Jul/Dez. 2000.

NORA, Pierre. Entre Memória e História – A problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. In: **Projeto História**. São Paulo, dez/1993.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos Imigrantes**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

OLIVEIRA, Paulino de. **História de Juiz de Fora**. 2ª Ed. Juiz de Fora, 1966.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Imigrante na Política Rio-Grandense. In: LANDO, Aldair Marli (et al) (Org.) **RS: Imigração e Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PINSKY, Jaime e Carla Bassanezi (Orgs.) **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

POMAR, Wladimir. **Era Vargas – A Modernização Conservadora**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1999.

RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Coleção Estudos Brasileiros, Vol. 90, 1997.

RANGEL, Leyla Castello Branco. **Constituições do Brasil: de 1824, 1891, 1934, 1937, 1946 e 1967 e suas alterações/ Índice** Ana Valderez A. N. de Alencar. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1986.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

SALLES, Iraci Galvão. República: a Civilização dos Excluídos. In: **História e Perspectivas**. Nº 8, Uberlândia: UFU, 1993.

SAMUEL, Raphael. Teatros de Memória. In: **Revista Projeto História**. Nº 14, São Paulo: EDUC, 1997.

SARLO, Beatriz. A História contra o Esquecimento. In: **Paisagens Imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

SCHWARTZMAN, Simon. Introdução. In: **Tempos de Capanema**/ Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomeny e Vanda Maria Ribeiro Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: EDUSP, Coleção Estudos Brasileiros, Vol. 81, 1984.

SEIXAS, Jacy Alves de. Figuras Passionais, Sentimentos Morais e Cultura Política Brasileira. Imagens do Esquecimento e da Denegação. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosangela (Orgs.) **Histórias e Historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

SEYFERTH, Giralda. Imigração e Identidade Étnica. In: **Imigração e Cultura no Brasil**. Brasília: UNB, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **O sujeito da educação: Estudos Foucaultianos**. Petrópolis. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a História**. Lisboa: Edições 70, 1987.

VIANNA, Hélio. **História do Brasil**. 14 ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1980.

WILLIAMS, Raymond. Hegemonia, Dominante, Residual e Emergente. In: **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.